

REVISTA EDITAR

ARTE

POR TODA PARTE

No ano em que comemoramos o centenário da Semana de Arte Moderna, convidamos o leitor a se aventurar pela prosa, poesia e fotografia e a respirar arte em tempos de pandemia

JABUTI

E O MERCADO EDITORIAL

Ana Elisa Ribeiro fala da experiência de integrar o conselho curador do Prêmio Jabuti

PROJETO

PÁGINA MÚLTIPLA

Conheça a iniciativa que dá visibilidade a 16 artistas visuais contemporâneos de Belo Horizonte

E MUITO MAIS

FEVEREIRO DE 2022 / VOLUME 12





CEFET-MG
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO
TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS

Diretor-Geral

Prof. Flávio Antônio dos Santos

Vice-Diretora

Profa. Maria Celeste Monteiro de Souza Costa

Chefia de gabinete

Profa. Carla Simone Chamon

**Diretoria de Educação Profissional e
Tecnológica**

Prof. Sérgio Roberto Gomide Filho

Diretoria de Graduação

Profa. Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof. Conrado de Souza Rodrigues

Diretoria de Planejamento e Gestão

Prof. Moacir Felizardo de França Filho

Desenvolvimento Comunitário

Prof. Flávio Luis Cardeal Pádua

**Diretoria de Governança e Desenvolvimento
Institucional**

Prof. Henrique Elias Borges

Diretoria de Tecnologia da Informação

Prof. Gray Farias Moita

Diretoria de Desenvolvimento Estudantil

Profa. Carolina Riente de Andrade



Diagramação:

Gustavo Luis de Oliveira
Ingrid Jennifer Rego
Isabelly de Souza Freitas
Thais Araújo Reis

Divulgação:

Erika Lourdes Alvares
Gustavo Luis de Oliveira
Iago Bruno Amaral Costa
João Pedro Bueno Fraga
Nicole Dias
Victor Lucas Feitosa

Redação:

Laurení da Silva Carvalho
Pedro Henrique Vieira

Revisão:

Ariane Marcelina Estevão Machado
Bruna Araújo Diniz
Carolina Vasconcelos
Filipe Magalhães
João Pedro Bueno Fraga
Leticia Guedes Azevedo
Nicole Dias
Rebeca Ribeiro de Oliveira
Stephanie Maria Mendes Gonçalves



Coordenador

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Vice-coordenador

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Comissão Editorial

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro
Profa. Dra. Elaine Martins
Profa. Dra. Maria do Rosário Alves Pereira
Prof. Dr. Rogério Barbosa da Silva
Prof. Dr. Wagner Moreira

Conselho Editorial

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)
Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)
Prof. Dr. Cleber Araújo Cabral (Brasil)
Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)
Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)
Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)
Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)
Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFSM, Brasil)
Prof. Dr. Mário Alex Rosa (UNI-BH, Brasil)

Editorial

Por Laurení da Silva Carvalho

Chegamos à 12ª edição da Revista Editar em 2022. Pensando positivamente, todas as mudanças ocorridas nos últimos dois anos, devido ao cenário pandêmico em que nos encontramos, trouxeram-nos à feliz coincidência de lançar esta edição no mesmo ano em que comemoramos o aniversário de 100 anos da Semana de Arte Moderna no Brasil. E, por esse motivo, não poderíamos falar de outro tema que não fosse a arte.

Após uma centena de anos, nos encontramos em um novo período conturbado do nosso país, seja no cenário político, econômico ou social. Assim como em 1922, os artistas da segunda década do século XXI tentam romper com o conservadorismo ressurgente no Brasil, representado pelas atitudes do atual governo perante a nação brasileira e a alguns dos nossos maiores patrimônios: nossa cultura, nossa arte e nossos artistas. Nesse período, em que todos nós estamos confinados em nossas casas, protegendo-nos de um inimigo comum, e o contato com amigos e familiares tem sido predominantemente à distância, a arte ocupou mais espaço em nossas vidas. A internet, as redes sociais e as novas plataformas de criação e fruição de arte preencheram novos espaços com as lives musicais, as apresentações online de peças de teatro, grupos de leitura realizados por plataformas de encontro virtual, etc. A arte foi o ponto de encontro de todas as pessoas, a âncora (ou talvez o colete salva-vidas) que manteve nossa mente no lugar, mesmo com as ondas gigantes desse oceano de incertezas tentando nos derrubar.

2022 também é o ano em que, mais uma vez, temos a responsabilidade cívica de eleger nossos representantes para o governo do Estado e da Nação e, sobre essa responsabilidade, o peso do nosso futuro: nossa cultura deve permanecer sucateada pelos próximos anos? Aquilo que mantém nossa mente sã quando tudo mais está por um fio deve ser negligenciado?

Nesta edição, os textos tão cuidadosamente escritos, enviados, selecionados, revisados e diagramados pela equipe da Editar vêm com o propósito de ajudar o leitor a se questionar e a pensar sobre a importância da cultura no momento de fazer escolhas que impactam no futuro do país. A importância dos livros e sua democratização (que não se dá através da taxação), dos incentivos federais, estaduais e municipais para a produção das diversas manifestações artísticas, dos prêmios que dão visibilidade para pequenos produtores culturais, da criação e manutenção de ambientes culturais de acesso gratuito à população (bibliotecas, museus, teatros, cinemas), tudo isso deve fazer parte dos programas de governo dos candidatos e deve também ser observado e cobrado por parte dos eleitores.

Seguindo o exemplo daqueles que transgrediram, há um século atrás, aquilo que o Brasil entendia por poesia, pintura, música, criando novas formas e conceitos do que é arte, buscamos, nas próximas páginas, atentar e encantar o leitor com nossas formas e cores, traduzidas em palavras. Aqui, na 12ª edição da Revista Editar, nos colocamos como cidadãos e, dessa forma, como produtores e consumidores da nossa própria cultura, da nossa arte, das nossas manifestações políticas.

Ler é um ato político.
Boa leitura!



Sumário

	Bolhas, bloqueios e mercado editorial Entrevista com Ana Elisa Ribeiro por Pedro Henrique Vieira	7
12	Sou poeta, sou artista Poema por Jenifer Barbosa	
	Os cães na avenida Crônica por Luiz Henrique Oliveira	13
14	Site Página múltipla aproxima o público dos trabalhos de artes visuais Reportagem por Pedro Henrique	
	Arte da vida Poema por Adriene Lopes Caçado	19
20	Amar-te Poema por Adriene Lopes Caçado	
	Babel Poema por Adriene Lopes Caçado	21
22	A arte da vida Crônica por Stephanie Maria Mendes Gonçalves	
	A casa das letras Reportagem por Pedro Henrique Vieira	25
27	Diagrama de rimas: Apresentação de um modelo de de transcrição de duelos de rimas Artigo por Thiago Cazarim (CEFET-MG), Apolo de Souza Sá (IFG), Nicole Dias (Cefet-MG) e Henrique Franco Greenhalgh (CEFET-MG)	



O retrato de uma sonhadora
Crônica por Nicole Dias

39

41



A não metamorfose
Crônica por Arima Marques

Servir-te-ei
Conto por Franco Dafon



43

45



Eu e o relógio
Crônica por Don Lopes

Dis-cente
Poema por Anderson Ribeiro



46

47



**Ptilonorhynchus violaceus (Vieillot 1816) Menura
novaehollandiae (Latham 1801)**
Poema por Antonio-Pedro Vargas

Panthera tigris (Linnaeus, 1758)
Poema por Antonio-Pedro Vargas



50

51



Véspera de Natal
Poema por Gonzaga Melo

Arte e cotidiano
Crônica por Débora Bitarães Ribeiro



53

54



A vida através de janelas
Fotografias por Bruna Fortunata

Carta aos estudantes
Carta por Francisco Freitas



64

Bolhas, bloqueios e

MERCADO EDITORIAL

por Pedro Henrique Vieira

Ana Elisa Ribeiro nasceu em Belo Horizonte, em 1975. Formou-se em Letras/Português pela Universidade Federal de Minas Gerais. É doutora em Linguística Aplicada e mestre em Estudos Linguísticos, também pela UFMG. Pós-doutora em Comunicação pela PUC-Minas; em Linguística Aplicada, pelo Instituto de Estudos de Linguagem da Unicamp; e em Estudos Literários, pela UFMG. Professora titular e pesquisadora do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, onde dá aulas para o curso de Letras: Tecnologias de Edição, para o Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens e também para o ensino médio.

Calma que eu ainda não acabei! Ana Elisa também é autora de livros de crônicas, contos, poesias e infantojuvenis, com obras indicadas em semifinais ou finais de prêmios importantes, tais como o Portugal Telecom e Jabuti. Tem colunas fixas em sites e jornais brasileiros, poemas traduzidos e participações em eventos literários no Brasil e no exterior. Além disso, é ativa no Instagram, onde abastece seus quase oito mil seguidores com postagens sobre literatura e sobre

educação.

Com um currículo tão imponente, você poderia pensar que Ana Elisa Ribeiro é o tipo de pessoa inacessível, daquelas cujo dia teria que ter muito mais que 24 horas para dar conta de tantos afazeres. Pelo contrário! Topou conversar com a Revista Editar sobre um desafio e tanto que encarou em 2021: integrar o conselho curador do Jabuti, prêmio para o qual já foi indicada. Quando formulei as perguntas, esperava que ela demorasse muito a responder. Nada mais justo, afinal, a entrevista seria apenas mais uma tarefa na sua já atribuladíssima agenda. Ledo engano! Foi pá-pum! Conclusão: ou a Ana é uma máquina de escrever, no melhor estilo super-heroína, ou tem uma espécie de Jarvis em casa, aquela inteligência artificial que ajuda o Homem de Ferro - até porque a Alexa seria pouco pra ela.

Pensando bem, acho que ela é apenas alguém que ama e que está doida pra escrever (desculpe, mas não resisti ao trocadilho com um de seus livros mais recentes). E quando a gente ama o que faz, as palavras fluem de um jeito que é até difícil explicar.

Pedro Henrique Vieira: Ana Elisa, em primeiro lugar, seja muito bem-vinda à Revista Editar! É um prazer conversar com você.

Ana Elisa Ribeiro: O prazer é meu. Parabéns a vocês por darem continuidade, lindamente, a um projeto como a Editar.

PHV: Você foi indicada ao Prêmio Jabuti em 2020 com o livro de poesias “Dicionário de Imprecisões” (Editora Impressões de Minas). A indicação foi um divisor de águas na sua trajetória como escritora?

AER: Não. Não sinto como um divisor de águas. É ótimo, pois ajuda a impulsionar o livro. Ele vendeu um pouco mais por isso, chegou às mãos de mais pessoas, assim como meu nome deve ter chegado a ouvidos que me desconheciam. É inegável que um prêmio desse relevo faz diferença, de algum modo. É algo que a gente (autora e editora) passa a usar como uma espécie de credencial ou que as pessoas usam para nós, porque nos avaliza. Mas pode não acontecer nada de muito efetivo depois disso. Estou chamando de efetivo, por exemplo, você passar a publicar com mais facilidade, ser traduzido a outras línguas, passar a viver da sua escrita, profissionalizar-se muito, etc. Isso não acontece a quase ninguém. Sinto o Jabuti como uma alegria, uma espécie de “ande uma casa” que me levou a conhecer mais algumas pessoas, que me pôs na pauta por dois ou três dias, que hoje faz parte do meu currículo como

escritora, que talvez amenize algumas dificuldades, dali em diante, mas dividir águas mesmo seria outra coisa. Pode ser que eu mesma tenha dificuldades de perceber possíveis efeitos disso também. Mas pensando aqui como pessoa que vive o dia a dia escorchante de professora e escritora, sinto-me fazendo os mesmos esforços. Ou esforços dignos de quem sempre fez esforços, dia após dia.

PHV: Em 2021, você integrou o Conselho Curador do Prêmio. Como surgiu o convite para sua participação?

AER: Sou muito amiga do curador, o Marcos Marcionilo, que é meu editor na Parábola Editorial, publicadora dos meus textos acadêmicos em linguística. É uma editora que admiro muito. Marcos sabe dos meus estudos de edição, da minha dedicação, da minha militância literária, do meu desejo de descentralização, abertura e diversificação. Ele já havia me convidado outras vezes, mas nunca dava para participar. Há umas regras importantes que nos impedem, por exemplo: não pode ter livro de minha autoria concorrendo. E sempre havia algum livro meu na disputa. Mas em 2021 foi possível.

“Eu topei, com um pouco de medo porque é trabalhoso, expõe demais, mas acho que é preciso ter coragem de ver as coisas por dentro, participar delas”

Não havia nada meu concorrendo e ele me pediu mesmo que não enviasse. Eu topei, com um pouco de medo porque é trabalhoso, expõe demais, mas acho que é preciso ter coragem de ver as coisas por dentro, participar delas, não falar só pelos cotovelos.

PHV: Como foi trabalhar ao lado de Marcos Marcionilo (curador), Bel Santos Mayer, Camile Mendrot e Luiz Gonzaga Godoi Trigo?

AER: O conselho curador é a turma pequena que organiza o prêmio, ajusta o regulamento, propõe mudanças, debate, orienta e reorienta a premiação, escolhe o júri de cada categoria, faz contato, etc. Não lemos nada, não sabemos de nada. É tudo sigiloso. Conselho curador é uma coisa, júri é outra. Nós analisamos o prêmio e o coordenamos, juntamente com a equipe maravilhosa da Câmara Brasileira do Livro, que é a instituição que confere o prêmio há mais de seis décadas. Seria impossível que cinco pessoas lessem tudo aquilo. São milhares de inscrições. Nós nos reunimos muito e indicamos jurados e juradas, que são consultados. Muita gente não quer, não pode, não topa. Para chegar a três jurados em cada categoria, chegamos a fazer nove ou dez convites! É difícil compor aquele cenário ali, mas funciona. Trabalhar com Marcos já era ótimo, e esta foi uma nova experiência com ele: um curador elegante, aberto, firme, que nos ouviu, teve imensos sentidos de coletivo, grupo, horizontalidade. Os demais eu conheci ali, naquele

trabalho. São ótimos colegas, contrapontuais às vezes, inteligentes, precisos e respeitosos. Foi realmente uma experiência bonita. Tive uma identificação imediata com a Bel, que ainda nem conheço pessoalmente. Bom, além desses, há muitas pessoas envolvidas, mas vou citar as duas mais diretas: Evelina e Camila. São as pessoas da CBL que nos orientam, atendem, dirigem. E há também reuniões com os dirigentes da Câmara, que aprovam tudo no final (ou não), mas fomos muito bem-sucedidos(as) em nossas proposições.

PHV: Falando mais sobre a 63ª edição do prêmio, um livro infantil (Sagatrisuinorana, de João Luiz Guimarães e Nelson Cruz) ganhou como Livro do Ano e só mulheres concorreram na categoria de poesia... que avanços você percebeu nesta última edição?

AER: Acompanho o Jabuti há muito tempo. Primeiro porque ele era uma referência para mim como leitora. Depois, porque, como autora, ele passou a ser uma espécie de alvo. Muitos países têm seus prêmios nacionais e este é o nosso. Há anos venho tendo a oportunidade de ver essas premiações por dentro, como júri, por exemplo. Não fui do Jabuti,

"É um aprendizado. À medida que a gente muda, a sociedade muda, os prêmios vão mudando de jeito também."

mas fui do Oceanos, do Sesc, do Minas Gerais, do Belo Horizonte, etc. É um aprendizado. À medida que a gente muda, a sociedade muda, os prêmios vão mudando de jeito também. Ou dá para sentir que eles não estão refratários. Isso tem a ver, claro, também com a curadoria e com o júri. O que vi ali foi que a final foi entre cinco escritoras, algo que não havia acontecido antes. É sinal de várias coisas e até falei um pouco disso numa coluna do Rascunho que escrevi. Não apenas são cinco

"É legal quando uma boa obra é o que ela é, independentemente de sair por um grupo endinheirado"

mulheres, são também cinco casas editoriais pequenas ou peculiares. Mas isso também diz algo sobre mercado editorial e a poesia. Bom, foi lindo ver um "livro infantil" ganhar como livro do ano. Faz diferença financeira para os autores e a editora! Aliás, uma editora micro. Incrível. É legal quando uma boa obra é o que ela é, independentemente de sair por um grupo endinheirado. Podemos chamar isso de "avanço", mas é claro que é um ponto de vista. É ótimo, a meu ver, assistir a esses acontecimentos, ver que as coisas se encaminharam assim. Mas há mais a alcançar e o trabalho é árduo.

PHV: Você certamente acompanhou o evento de premiação online, no dia 25 de novembro de 2021. Ficou

muito ansiosa na hora do anúncio dos vencedores? Ou o conselho curador teve acesso à lista antes do evento?

AER: Assisti, claro, mas não fiquei tão ansiosa. Estava atenta à produção. Não foi simples fazer o Jabuti e não é simples fazer on-line, ao vivo. Estava muito curiosa com os ganhadores. A gente não sabe nada até aquele momento. É surpresa para todos. Não temos acesso a nada antes. Particularmente, fico mais curiosa com poesia, romance, projeto gráfico... e foi tão tenso quanto para qualquer pessoa que estivesse assistindo interessadamente.

PHV: Para terminar, percebemos uma maior participação de editoras independentes entre os indicados e vencedores. Isso é um sinal de uma mudança de mentalidade entre os leitores, de que autores que lançam seus livros em pequenas editoras são capazes de fazer barulho?

AER: Há vários anos isso tem mudado, no sentido do aumento de editoras pequenas ou independentes entre finalistas e ganhadores do Jabuti. Não aconteceu subitamente. Quer dizer muitas coisas, entre elas, que a produção é grande nas editoras de pequeno porte, e é boa, competitiva e interessante. Boas curadorias, tino literário, fazem livros ganharem prêmios, tenha a editora o tamanho que for, desde que ela saiba editar livros. Os leitores não estão tão próximos assim do prêmio, embora eles possam estar atentos a ele. Um ex-aluno nosso de mestrado,

"editoras pequenas têm furado bolhas e bloqueios, há algum tempo. É um trabalho incessante, demorado, que exige diligência e paciência"

o ilustrador Flávio Fargas, mostrou isso na dissertação dele, defendida há alguns anos. Às vezes, os livros que ganham prêmios não são necessariamente os preferidos do público amplo. Sei, por exemplo, de escritores que escrevem para ganhar prêmios. É como se existisse, meio difusamente, uma certa fórmula. E tem gente que a percebe. Bom, editores pequenos às vezes só fazem barulho na ocasião do prêmio. Eles alcançam pouco em termos de marketing, difusão e distribuição dos livros que publicam, às vezes têm tiragens baixas, mas o prêmio não depende disso. Quando há um prêmio com esse poder, com esse alcance, a editora e o livro se beneficiam muito. Não sei se a

beneficiam muito. Não sei se a mentalidade geral está mudando...

marketing, difusão e distribuição dos livros que publicam, às vezes têm tiragens baixas, mas o prêmio não depende disso. Quando há um prêmio com esse poder, com esse alcance, a editora e o livro se beneficiam muito. Não sei se a mentalidade geral está mudando... talvez, leitores menos atentos e menos diligentes continuem acessando apenas o que lhes chega fácil, o que aparece na mídia... mas as editoras pequenas têm furado bolhas e bloqueios, há algum tempo. É um trabalho incessante, demorado, que exige diligência e paciência. Para um contraponto, vejam lá na lista de cinco finalistas na categoria romance, talvez a mais prestigiosa, a que transforma pessoas em escritores (risos): apenas uma pequena/independente. E uma que vem aparecendo e arrebatando prêmios há muitos anos. São muitos elementos a se pensar. Assunto que rende, pano para manga.

Créditos: Sergio Karam





POEMA

Sou poeta, Sou artista

por Jeniffer Barbosa

Sou poeta,
sou artista,
sou minha própria poesia.

Não me prendo a fascínios,
me afago aos detalhes.
Com simplezas me conquista,
com ternuras me acalenta.

Eu não caibo em poucos versos,
sou um livro bem versátil.
Não pertenço a breves momentos,
sou um inventário de lembranças.

Sou poeta,
sou artista,
sou a arte composta de melodias!

Aluna do Curso Técnico em Hospedagem do CEFET-MG. É apaixonada pela Literatura Brasileira e tem bastante interesse na área da escrita. Desde pequena, sempre gostou de escrever poemas e histórias diversas. Cada rabisco era um pedaço de si que apresentava ao mundo. Pretende, com sua imaginação e autenticidade, levar a sua poesia a todos os amantes da arte!



OS CÃES na avenida

por Luiz Henrique Oliveira
(inédito)

Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Graduação em Letras (Tecnologias da Edição) e do Ensino Médio do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Membro do Comitê Gestor do Portal Literafro. Autor de Poéticas negras (2010) e Negrismo (2014).

As avenidas foram invadidas por cães. Neste momento, em meio ao alarido, desfilam todos os cães. Eles já não querem meu corpo, meu sangue. Após o fim, eles comerão de tudo, de todos. Querem meus ossos. Os cães famintos querem cheirar, lambe, morder, dilacerar o meu cadáver. Um cão raivoso ataca. Estraçalha. Age por instinto. Em nada havendo, devora outros de mim. Se necessário, devora a outros mais com o mesmo ímpeto. Não há limites para a fome dos cães.

Hoje, as matilhas têm se multiplicado. Os cães de todas as estirpes estão com pelagem limpa, bem aprumada. Aos cães, basta alimento. Basta que lhes dêem água, algum abrigo e logo eles estão submissos aos donos.

Quase todo cão possui um dono. Cientes do instinto de fidelidade, os donos de cães toleram as arrogâncias irascíveis de suas crias. Os donos dos cães mantêm criadouros por toda parte. Domesticam as vontades por controle de corpos e hábitos. Desenvolvem ódio por cores e aparências. São mestres no adestramento de raças. Os donos dos cães colocam seus animaizinhos em rinha. Multiplicam dinheiro. Enterram sem pompa os derrotados. Os cães não foram fortes o suficiente em disputa... Que pena! Os donos de cães não gostam de fêmeas. Latem demais. Mordem demais. A não ser para gerar novos cãesinhos, as fêmeas não são bem vindas. Muitas fêmeas são mortas, atiradas em valas ou rios. Violadas. As fêmeas valem pouco para os criadores de cães. Da mesma forma, os machos que não sabem latir e morder.

Em meio ao buzinaço, os cães e seus donos passam em algazarra. Muitos de meus companheiros, os que não foram mordidos pelos cães, mesmo taciturnos, ainda estão pelas avenidas. Estas, por ora, pertencem aos cães. Haverá instante em que faltará alimento. Haverá hora em que faltarão ossos. Haverá hora em que faltarão cães. Haverá hora em que, nas ruas, não estarão os criadores de cães. Cansados do alarido, os criadores buscarão outros cães.

"PÁGINA MÚLTIPLA"

aproxima o público dos trabalhos de artes visuais

O projeto dá visibilidade a dezesseis artistas visuais contemporâneos. Até junho de 2022, a página irá mostrar o trabalho de dois novos artistas a cada mês

por Pedro Henrique Vieira

O site Página Múltipla, que entrou no ar em novembro, é uma iniciativa das artistas Ana Paula Garcia, Dani Maura e Rosceli Vita. O projeto, produzido por meio da Lei de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte, busca ampliar o diálogo do público com as artes visuais. Através de entrevistas, vídeos de trabalhos, fotografias e textos, os interessados poderão conhecer as pesquisas e pensamentos de dezesseis artistas visuais de diferentes perfis. Criadores que têm, ou tiveram, uma ligação importante em suas trajetórias com a capital mineira.

De acordo com Dani Maura, a ideia do projeto veio de uma conversa com o artista erre erre, em 2018. "Apesar de apreciar, eu conhecia pouco das suas produções e pedi para fazer uma visita ao seu ateliê. Conversamos por algumas

horas e ele me mostrou uma série de trabalhos de vários períodos. Saí de lá com a sensação de que poderia realizar, a partir da produção de artistas próximos da cidade em que moro, a proposição de aulas", afirma Dani.

O projeto Página Múltipla é também um desdobramento da iniciativa Cadernos de Estudo que, por sua vez, surgiu em 2013 a partir de um fanzine homônimo, ambos de autoria da artista, sobre o aprendizado e ensino da arte. A palavra "página" representa esse vínculo entre as propostas. A curadoria foi realizada pelo trio de artistas e foi norteada pela busca por pessoas com forte vivência em seus processos de criação. As curadoras também escolheram amplificar a voz das mulheres, artistas não brancos e ligados ao artesanato. Focaram em compor um

conjunto, trazendo para dentro do projeto o maior número possível de línguas, de técnicas e de temas.

Segundo Ana Paula Garcia, a ideia se fortaleceu no lançamento da terceira edição do fanzine, em 2019: "Tivemos uma conversa aberta entre artistas e público que trouxe várias reflexões importantes sobre arte, representatividade e cotidiano. O

que nos deixou com muita vontade de ampliar essa experiência através da internet", afirma Ana Paula. "Por fim, realizamos a formação de duplas que dividirão o mês de publicação", diz Dani Maura.

Quem é quem

Até junho de 2022, a página destacará dois artistas a cada mês. Conheça cada um deles:

Novembro

- erre erre (@erre__erre)

É artista visual, designer gráfico e editor da 'Fera Miúda Edições'. Realiza trabalhos que transitam entre desenhos, colagens, pinturas, gravuras, instalações e impressos.

- Iaci (@iacicai)

A maternidade atravessa a produção da artista tanto como conteúdo, quanto como processo. Ela trabalha com o corpo e com a palavra. Atualmente, sua produção acontece por meio da interação com o público do instagram, com desenhos personalizados e outros rotineiros. Iaci também desabafa, de forma bem-humorada, sobre as tragédias e conquistas do dia a dia.

Dezembro

- Theodora (@theodora.e.so)

Além da escrita, que é comumente incorporada como parte do universo poético-simbólico, a artista trabalha com experimentações em instalação, cerâmica, fotografia e vídeo, e na criação de cenários e narrativas visuais.

- Ing Lee (@inglee)

Quadrinista e ilustradora, nascida e residente em Belo Horizonte, é coreano-brasileira e surda oralizada. Bacharel em Artes Visuais pela UFMG, atua no cenário de publicações independentes desde 2016 e faz quadrinhos desde 2018. Foi uma das fundadoras do selo de publicações independentes e eixo de experimentação gráfica O Quiabo. Inspira-se no cinema leste-asiático,

com enfoque em Novo Cinema de Taiwan, Wong Kar-Wai, Bong Joon-Ho e Naomi Kawase. Em seus trabalhos, propõe-se a trazer questões envolvendo memória, identidade e hibridismo.

Janeiro

- A. Sol Kuaray (@a.solkuaray)

Nascida na região da Chapada Diamantina, em Iraquara (Bahia), é artista visual, educadora, produtora cultural e indígena em retomada. Realiza trabalhos em performance, intervenções e obras que valorizam os saberes tradicionais e o conhecimento etnobotânico, contribuindo para a realização de ações que denunciam as violências contra o meio natural.

- Dayane Tropicaos (@day_tropicaos)

Artista visual, entre o centro e a margem, em seus trabalhos investiga a ficção do eu e do agora. Bacharel em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFMG, entre fotografias, vídeos e outros híbridos, desenvolve poéticas que brotam de Contagem para o mundo. Criada no bairro Tropical, em Contagem, atualmente residente em Belo Horizonte.

Fevereiro

- Alisson Damasceno (@alissondamasceno_)

Habilitado em pintura pela Escola Guignard, Alisson Damasceno transita pelo território da Arte Contemporânea, explorando principalmente a performance e a pintura enquanto meios expressivos. Por meio de ações e objetos, busca propor relações entre corpo e presença.

- Yan Nicolas (@yansaothiago)

É graduando na Escola de Belas Artes da UFMG, com habilitação em desenho. Para o artista, o desenho tem sido um lugar de presentificação e encontro de identidades a partir da figuração de pessoas negras. O desenho é também base para obras do artista em fotografia e vídeo.

Março

- Juliana Contijo (@julianagontijoatelier)

Formada em artes visuais pela UFMG, participou de diversas exposições coletivas e de quatro exposições individuais. Durante sua trajetória artística, desenvolveu projetos relacionados ao espaço, à paisagem e à palavra. A artista se expressa por meio de diversas mídias como pintura, desenho, objeto, vídeo, fotografia, som, texto e instalação.

- João Maciel (@joao108maciel)

Formado em Artes Plásticas pela Escola Guignard da UEMG em 2002, João Maciel é também especialista em Arte Contemporânea pela mesma instituição. Em seus trabalhos, aborda temáticas como as ideias de identidade, o autoconhecimento, o descartado, o transcendental, o além, a cidade, a natureza e a busca pela luz.

Abril

- Natália Rezende (@natrdnz)

É artista visual, escritora e pesquisadora. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da UFMG, bolsista CAPES/PROEX desde 2020. Atua como educadora em oficinas e no projeto de extensão "Tramas Contemporâneas na América Latina". Em suas pesquisas e práticas artísticas, dedica-se à investigação das artes têxteis e suas potencialidades plásticas, históricas e textuais. A linha aparece, em seus trabalhos, em contato com linguagens como o desenho, a fotografia e a instalação. Em 2021, publicou o livro de poemas Tramoias, pela editora Hecatombe.

- Laura Berbert (@lauraberbert)

Artista visual e encadernadora, Laura Berbert é graduada e mestre pela Escola de Belas Artes da UFMG. Fundou, em 2013, em parceria com o artista Ricardo Reis, o coletivo e editora-laboratório Lavoura ambulante & edições, que publica livros de artistas e outros impressos autorais, além de desenvolver projetos de artes gráficas e encadernação manual.

Mai

- Janaína Tábula (@janaina_tabula)

Performer, arte educadora, mediadora cultural e empreendedora. Pesquisa a linguagem da performance enquanto campo expandido, sentindo o corpo como suporte, ato político e, ao mesmo tempo, ato poético.

- Daniel Hertel

Escultor, designer e animador, passa quase todo o seu tempo na oficina, lugar onde entende a transformação dos materiais e seus símbolos como metáforas comuns às artes, às ciências, à infância e à espiritualidade.

Junho

- Gabriel Hyra (@garden_hyra)

Jovem artista visual e joalheiro, trabalha com questões de sexo dissidente e critica a atual realidade antropocêntrica em suas políticas de intimidade e relacionamento.

- Rodrigo Marques (@residentedobrasil)

Artista visual, graduando em Artes Visuais com habilitação em Escultura pela UFMG. Participou de diferentes edições da Bienal de Veneza, curada pelo artista Paulo Nazareth no município de Ribeirão das Neves, Região Metropolitana de Belo Horizonte.



Crédito da foto: Ana Paula Garcia

Rosceli Vita, Ana Paula Garcia e Dani Maura: a equipe por trás do site Página Múltipla

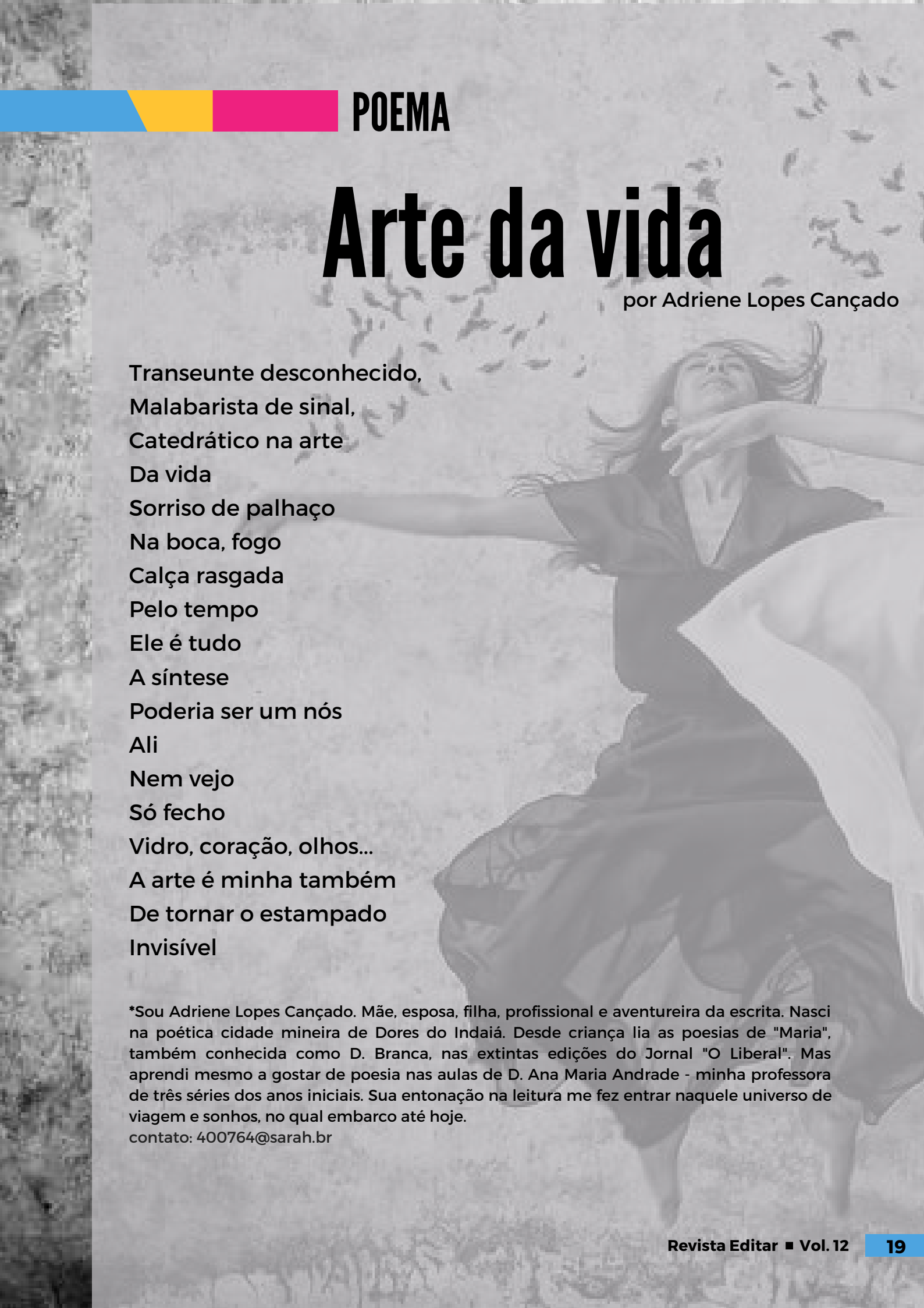
Ficou curioso? Então acesse o site e as redes sociais do Página Múltipla!

Site: www.paginamultipla.com.br

Instagram: @paginamultipla

Arte da vida

por Adriene Lopes Cançado



Transeunte desconhecido,
Malabarista de sinal,
Catedrático na arte
Da vida
Sorriso de palhaço
Na boca, fogo
Calça rasgada
Pelo tempo
Ele é tudo
A síntese
Poderia ser um nós
Ali
Nem vejo
Só fecho
Vidro, coração, olhos...
A arte é minha também
De tornar o estampado
Invisível


*Sou Adriene Lopes Cançado. Mãe, esposa, filha, profissional e aventureira da escrita. Nasci na poética cidade mineira de Dores do Indaiá. Desde criança lia as poesias de "Maria", também conhecida como D. Branca, nas extintas edições do Jornal "O Liberal". Mas aprendi mesmo a gostar de poesia nas aulas de D. Ana Maria Andrade - minha professora de três séries dos anos iniciais. Sua entonação na leitura me fez entrar naquele universo de viagem e sonhos, no qual embarco até hoje.
contato: 400764@sarah.br



POEMA

AmAr-te

por Adriene Lopes Caçado



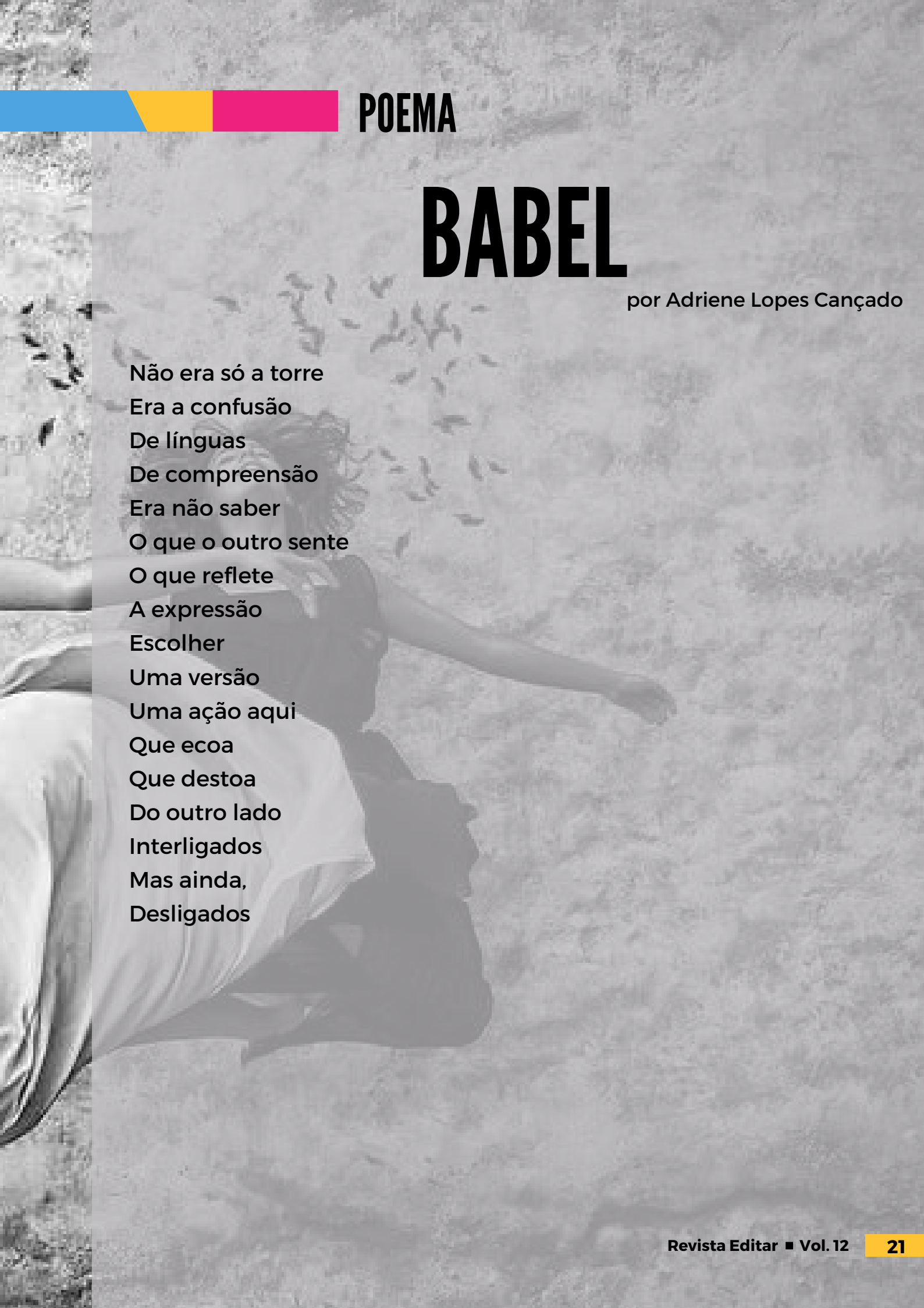
Ama-me
Mas deveria amAr-te
Esta que impulsiona a vida
Esta que a vida imita
Sem a qual tudo é cinza
Que diariamente
A si mesma se inebria
Confinados se formos
Nos resgata, nos alinha
Música, poema
Uma "live" do Lulu
Um cântico lírico na janela
Aquarela
Cultura
Doçura
Escultura
Pintura
Ama-me, mas deveria
amAr-te



POEMA

BABEL

por Adriene Lopes Caçado



Não era só a torre
Era a confusão
De línguas
De compreensão
Era não saber
O que o outro sente
O que reflete
A expressão
Escolher
Uma versão
Uma ação aqui
Que ecoa
Que destoa
Do outro lado
Interligados
Mas ainda,
Desligados

A ARTE da vida

por Stephanie Maria Mendes Gonçalves

Engenheira de produção e estudante de Letras - Tecnologias de Edição, no CEFET-MG. Escritora com paixão pelas histórias que as palavras são capazes de criar. É fascinada pelo universo mágico que é proporcionado pelos livros. Contato: stephaniemgmendes@gmail.com

Olá, querido leitor! Hoje eu irei te contar algo que ocorreu no final da minha juventude, quando ainda morava em uma pequena cidade do interior. Contudo, antes de prosseguir, gostaria que você fizesse uma reflexão sobre a sua vida, afinal, tantas histórias são contadas diariamente (seja na ficção ou na vida real) que acabamos nos esquecendo da mais importante: a nossa.

Você já parou para se perguntar se realmente é feliz? Tudo bem, eu sei que essa é uma pergunta um tanto quanto complexa, uma vez que, para respondê-la, é necessário refletir sinceramente sobre quem você é. Tal percurso pode não ser fácil ou agradável, podendo fazer você perder, inclusive, uma noite tranquila de bons sonhos. E, falando sobre sonhos, que tal pensar sobre eles? Quais são as suas ambições?

Aposto que conseguir aquele emprego tão almejado ou aquela promoção tão esperada está na sua lista de desejos. Arrisco-me a dizer também que adquirir aquele produto visto em um anúncio - que despreziosamente despertou ainda mais o seu consumismo -, também é uma de suas prioridades do momento.

Mas é claro que você não pensa apenas em ter um trabalho bem remunerado e nos bens materiais. Pois do que adianta tudo isso, se não houver pessoas por perto para compartilhar tais alegrias? Nessa parte, entra um assunto delicado, que pode até lhe incomodar profundamente: você já encontrou o amor da sua vida? Ou melhor, você já encontrou o amor em si próprio?

Pronto, leitor! Sem mais delongas, te apresentei alguns pontos necessários para refletir, antes de contar a história que vim compartilhar com você, por meio dessas palavras. Trata-se da história da Lavínia, uma antiga amiga, da época em que morava na pequena cidade que mencionei no iní-

cio desse texto.

Lavínia era minha vizinha na infância. Como nossas mães eram amigas, nos aproximamos desde muito novas e, conforme o tempo passou, nos tornamos inseparáveis. Na adolescência ficamos ainda mais unidas. Minha amiga possuía longos cabelos negros ondulados, na juventude, que contrastavam com seus olhos, em tons de folhas secas, e suas feições bem delicadas. Além disso, desde criança já demonstrava grande inteligência e adorava ajudar ao próximo, qualidades que faziam com que ela conquistasse a todos com quem conversava.

Eu sabia que Lavínia era uma daquelas pessoas que não veio ao mundo por acaso. Com certeza ela faria algo grande, que mais tarde todos contemplariam. Embora não soubesse quando isso aconteceria, tinha certa ansiedade em descobrir qual seria seu feito. Não seria o máximo ter uma melhor amiga famosa?

Acredito que ela também sabia que possuía uma missão especial na Terra. Por isso, ao entrarmos no ensino médio, Lavínia decidiu que, quando se formasse, se mudaria para a capital para cursar a graduação de Psicologia. Essa era uma forma de poder ouvir e auxiliar quem não sabia como lidar direito com as próprias emoções, ou, até mesmo, com a própria existência.

Como sua família era muito humilde, Lavínia começou a trabalhar na mercearia do senhor Afonso, que era amigo do seu pai, por meio período após a escola. Algumas vezes, quando havia algum evento na cidade, a garota também auxiliava dona Geralda com os preparativos. Sempre bem humorada e feliz, Lavínia buscava conversar com todos e ajudar no que fosse possível, mesmo que apenas com um abraço em um cliente triste, durante seu expediente.

Com os trabalhos que realizou ao decorrer do ensino médio, Lavínia conseguiu juntar a quantia suficiente para ir para a capital estudar e realizar o seu objetivo. Todos nós da cidade ficamos chateados, pois ela iria embora, mas ao mesmo tempo felizes, já que ela realizaria um sonho e levaria alegria para mais pessoas. A jovem, por outro lado, estava estonteante com a conquista. Aliás, mesmo sem conseguir nada em especial, ela sempre se mostrava grata pelos momentos, aproveitando-os ao máximo que podia.

Um dia antes de sua partida para a capital, fizemos uma grande festa de despedida, tiramos muitas fotos para registrar aquele dia. Então, no dia seguinte, Lavínia partiu. Fui com ela até a rodoviária, juntamente com alguns amigos. Da janela do ônibus, ela sorria muito e gritou para nós, eufórica:

– Mando notícias assim que chegar lá!

Essas foram as últimas palavras que ouvi-la dizer. E, as notícias prometidas, nunca chegaram, ou melhor, não por meio de minha amiga.

As informações sobre o paradeiro de Lavínia chegaram na primeira página de um jornal, um dia após sua partida. A manchete dizia: “Confusão entre ambulantes e policiais resulta em troca de tiros e uma jovem morre por bala perdida”. Ao ler a reportagem, logo identifiquei seu nome. Larguei o jornal aos prantos.

Não sei quais foram os seus últimos pensamentos, nem mesmo o que minha eterna amiga sentiu ao ver sua vida escapar pelas mãos, justamente quando estava a caminho de realizar os seus sonhos. Eu só conseguia pensar: “Isso é justo?”, “Por que ela?”, “Por que assim?”

Os primeiros meses após a fatalidade não foram fáceis para ninguém. Foi impossível não se revoltar, mas depois percebemos que não nos cabe tentar compreender o porquê de ter acontecido isso com ela. O que conseguimos entender é que a sua breve e marcante história fez com que nós refletíssemos sobre o real significado da vida.

Embora fosse trágico, após o seu óbito, aprendi a arte de valorizar cada detalhe dos meus dias, aprendi a arte de valorizar a vida. E mais gente na cidade chegou à mesma conclusão que eu. A vida é efêmera e não sabemos quando tudo irá acabar. Enquanto esteve viva, Lavínia buscou viver da melhor maneira possível e aproveitou tudo o que podia, enquanto teve tempo.

Por isso, me lembrei da minha antiga crença a respeito do diferencial de Lavínia e tenho certeza que ela faria a diferença por onde quer que fosse. E essa foi a sua contribuição para o mundo: ensinar para quem estava por perto verdadeiras lições sobre aproveitar cada dia, com bondade, amor e gratidão no coração. Antes de sua partida, eu não percebia como pequenas coisas eram importantes, reclamava muito por motivos banais, mas, agora, consigo perceber tudo por outro ângulo.

Finalmente, após ter te contado essa história, volto à pergunta que fiz inicialmente: Você é realmente feliz? Se ainda estiver em dúvida quanto à sua resposta, lembre-se que, às vezes, a felicidade está bem à sua frente, na sua família, nos seus amigos, nos seus momentos sozinhos, nos gestos mais simples, no simples fato de viver. Por isso, continuo a missão da minha amiga, espalhando um pouco da sua essência e do seu modo de viver para o máximo de pessoas que consigo alcançar. Experimente também!

A

CASA

das letras

Belo Horizonte ganha nova Biblioteca aberta para todos os públicos

por Pedro Henrique Vieira

O Centro Cultural Unimed-BH Minas inaugurou em dezembro a sua biblioteca. O espaço, que conta com cerca de seis mil publicações variadas em temas, títulos, autores e categorias, teve o seu conceito elaborado por Cleide Fernandes, bibliotecária e Gestora Cultural da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas, e Fabíola Farias, profissional de Letras e pós-doutora em Ciência da Informação. O projeto do espaço físico foi assinado pela arquiteta Isabela Vech.

O objetivo do local é oferecer um acervo para todas as faixas etárias, inclusive crianças e adolescentes, que encontrarão obras da produção editorial brasileira e uma seleção especial feita para atender à primeira infância (crianças de zero a seis anos). Também estão disponíveis livros de não-ficção, graphic novels, obras de referência e uma coleção sobre esportes, jornais e revistas. A acessibilidade universal estará incorporada ao espaço, incluindo livros em braille.

Por meio dessa casa de livros, que incorpora também o Circuito Liberdade,

o conhecimento e a capacitação da sociedade estão se democratizando. O diretor de Cultura do Minas Tênis Clube, André Rubião, afirma que a biblioteca do Minas pode ser um espaço de descoberta: "O hoje escritor Luiz Ruffato conta que descobriu os livros quando brincava de esconde-esconde na escola. Ele disse que entrou no espaço para se esconder, na brincadeira, e a astuta bibliotecária o chamou e deu a ele um livro. Nasceu aí um dos grandes nomes da literatura nacional. A Biblioteca do Centro Cultural Unimed-BH Minas leva para toda a sociedade a oportunidade de conhecer novos mundos e, assim, democratizar o acesso ao conhecimento.", diz o diretor.

A diretora institucional do Instituto Unimed-BH, Mercês Fróes, vê como um marco a inauguração de mais um espaço do Centro Cultural Unimed-BH Minas. "A Biblioteca do Centro Cultural vem para agregar, transformando o lugar em um complexo de cultura e conhecimento acessível para toda a população. Com um vasto acervo, a biblioteca também terá um papel fundamental no incentivo à leitura e à



educação.”, declara a diretora. Ela reforça ainda que todas as ações realizadas no Centro Cultural Unimed-BH Minas são gratuitas e abertas ao grande público.

A biblioteca do Minas também terá atividades integradas aos projetos do Centro Cultural Unimed-BH Minas. O espaço fortalece as ações culturais dos equipamentos oferecendo para o público experiências que são realizadas por meio do encontro entre pessoas, livros e as artes celebradas no Centro Cultural. O programa literário “Letra em cena. Como ler...”, que já possui seis anos de estrada e é bastante consolidado no cenário literário da capital, será incorporado às ações oferecidas pela biblioteca.

Como ingressar?

A biblioteca tem um regimento de funcionamento e todos os moradores da capital mineira podem ser usuários do espaço. O cadastro para poder alugar livros deve ser feito presencialmente. O interessado deve levar comprovante

de residência, documento de identidade, informar um endereço de e-mail e número de telefone celular ou fixo. Leitores menores de 16 anos devem apresentar autorização assinada por um responsável legal para realizar o cadastro. Um modelo de autorização será disponibilizado pela gestão da biblioteca. Na ocasião do cadastro, será tirada uma foto no balcão de atendimento. Após todo o processo, o usuário terá acesso liberado à plataforma I10, que contém todas as informações do acervo da Biblioteca.

Biblioteca do Centro Cultural Unimed-BH Minas

Endereço: Rua da Bahia, 2.244, CF5. Lourdes. Centro Cultural Unimed-BH Minas

Funcionamento: de segunda a sexta, das 13h às 18h30.

Redes sociais oficiais da Cultura do Minas:

Facebook: /mtccultura

Instagram: @mtccultura

DIAGRAMA DE RIMAS:



APRESENTAÇÃO DE UM MODELO DE TRANSCRIÇÃO DE DUELOS DE RIMAS

Thiago Cazarim (CEFET-MG)

Apolo de Souza Sá (Instituto Federal de Goiás)

Nicole Dias (CEFET-MG)

Henrique Franco Greenhalgh (CEFET-MG)

INTRODUÇÃO

Neste texto, apresentamos resultados de trabalhos de pesquisa concluídos e em andamento sobre a edição de 2017 do Duelo Nacional de MCs, atualmente um dos eventos mais relevantes no cenário da cultura hip-hop nacional. Os resultados aqui relatados referem-se a um projeto de iniciação científica realizado entre os anos de 2019 e 2021 no Instituto Federal de Goiás, relativo a aspectos poéticos dos duelos de rimas, bem como a um projeto de pesquisa e trabalho editorial em andamento no Cefet-MG acerca das relações entre duelos de rimas, cultura, educação e a Agenda 2030 da ONU. Como conexão entre os dois trabalhos citados, está o desenvolvimento de modelos críticos de transcrição e edição textual e musicográfica das “rimas”¹ apresentadas nas etapas finais do Duelo Nacional de MCs de 2017. Tanto no trabalho pregresso quanto no atual, a transcrição musicográfica dos duelos de rimas tem se mostrado importante para a compreensão de aspectos musicológicos desta

¹ Conferir na próxima seção o sentido preciso dessa expressão.

prática cultural, o que tem trazido a exigência de desenvolvimento de um modelo de transcrição que contemple seus aspectos centrais: a oralidade, a metrificação musical, as diferentes modalidades de uso da voz, as interações performáticas e o caráter improvisatório.

No presente texto, objetivamos apresentar o estado atual do modelo de transcrição musicográfica por nós desenvolvido, situando-o em relação a aspectos conceituais basilares dos duelos de rimas e questões críticas para o trabalho de transcrição e edição musical. Esperamos, com isso, apresentar de maneira introdutória o universo dessa prática cultural e suscitar nos leitores reflexões acerca de desafios implicados em seu estudo sistemático.

RIMAS E RIMAS

De forma bastante sintética, podemos caracterizar os duelos de rimas como jogos competitivos literomusicais nos quais diferentes participantes (MCs) improvisam versos em interação em tempo real com uma base musical (beat). Essa prática remonta a diversos elementos culturais afrodiaspóricos, tais como o universo que compreende sound systems, dubbing, riddims e toasting jamaicanos; os poetas-embaixadores do antigo Império do Mali conhecidos como djéliw (forma plural de djéli, popularmente conhecidos como griôs); os DJs negros de rádios e discotecas estadunidenses de meados do século XX; e, principalmente, jogos verbais de insultos rituais de comunidades afro-norte-americanas conhecidos como the dozens.

Há diferentes modalidades, subgêneros temáticos e formas de duelos de rimas, que podem inclusive se combinar de diferentes maneiras. Os mais comuns são descritos a seguir:

CATEGORIA	TIPO	DESCRIÇÃO
Modalidade	1 X 1	um MC rima contra um MC.
	1 X 1 X 1	três MCs rimam alternando-se em roda.
	equipes	duas equipes de MCs competem entre si, alternando um MC de cada uma antes de os primeiros MCs rimarem novamente.

Subgênero temático	de conhecimento	temáticas ligadas a crítica social, questões políticas, lutas por reconhecimento e afins.
	de sangue	insultos ritualizados entre MCs, braggadocio.
	freestyle do campeão	momento final do duelo no qual o campeão pode rimar para agradecer e cumprimentar os demais MCs e o público.
Forma	45 segundos	cada MC possui 45 segundos para desenvolver sua rima antes que o outro possa rimar.
	bate-e-volta	o ato de rimar está organizado na alternância de 8 versos iniciais para cada MC, seguindo-se de alternâncias de três vezes 4 versos para cada MC.
	freestyle	sem previsão de tempo de rimar ou quantidade de versos predefinidos.

É importante destacar que, até o presente momento, utilizamos termos como “rimas” e “rimar” de forma polissêmica. Conforme aponta Ricardo Teperman (2013, p. 131):

A importância das rimas é tal que tanto no freestyle como no rap em geral, o verbo “rimar” é sinônimo de “cantar”. “Rimar” parece ser o verbo que melhor define a ação dos MCs: eles não cantam nem falam, mas sim, rimam.

Por outro lado, o próprio Teperman indica a validade de um sentido mais disseminado da ideia de rima (aqui, propositalmente sem aspas), que é o das reverberações fonéticas que ocorrem no interior de versos e/ou entre versos distintos da mesma “rima” (entendida como composição literomusical improvisada). Por isso, é importante destacar que os termos “rima” e “rimar” descrevem duas dimensões ligeiramente distintas, embora conectadas, dos duelos de rimas. A primeira indica um sentido mais comum do ato poético: a produção (ato de rimar) de ecos fonéticos (rimas) em e/ou entre versos diferentes. Enquanto isso, a segunda descreve a modalidade de uso da voz dos MCs (categoria nativa “rimar”, em vez de falar ou cantar) e o produto (“rima”) de uma distribuição de versos orientada a partir de uma métrica musical

orientadora - o beat. Em suma, as categorias “rima” e “rimar” pressupõem os sentidos mais comuns dos termos (procedimentos fonéticos empregados entre vocábulos presentes em determinados versos ou grupos de versos) ao mesmo tempo que se referem à performance vocal dos versos musicalmente metrificados.

Tais definições de rima e do ato de rimar têm consequências muito práticas para a tarefa de transcrição. Embora entendamos que qualquer trabalho de transcrição implique realizar escolhas - com suas perdas e ganhos potenciais -, parte significativa da compreensão do aspecto literário dos duelos de MCs precisa incorporar índices de seus aspectos musicais. Por exemplo: dentre inúmeras funções que repetições de palavras podem assumir ao longo de versos, uma delas é o ganho de tempo musical para a elaboração de rimas, ou então para preenchimento de um intervalo de tempo com palavras para não deixar ocorrer um esvaziamento musical, tal como apontado por Fleury (2015, p. 138). Sem a representação de aspectos como a métrica musical, essas repetições podem ser lidas como dispensáveis para o trabalho de transcrição - aliás, algo que ocorre em certas transcrições de fontes orais que entendem como meras redundâncias semânticas que podem ou mesmo devem ser descartadas da transcrição para melhorarem a clareza da transcrição final. Ao contrário, quando incorporamos à transcrição de duelos de rimas a dimensão da métrica musical, as repetições de termos ganham sentido, já que a dimensão semântica das palavras aparece articulada a outras igualmente importantes e para as quais as repetições de palavras não figuram como meras redundâncias.

A seguir, indicamos de forma sucinta uma das possibilidades de transcrição musicográfica que denominaremos de diagrama de rima. Esse modelo se inspira em modelos de transcrição presentes em autores como Teperman (2013), Krims (2004) e, sobretudo, Edwards (2009) - este último tendo versado especificamente sobre a grafia de versos de rap conhecida como diagrama de flow. Embora as ideias de flow e rima não sejam correlatas perfeitas, nomeamos nosso modelo com a categoria proposta por Teperman por entender que: 1) o modelo de Edwards se refere em grande parte à composição de canções de rap, um trabalho musical que tende a não incorporar totalmente as dimensões interacional e improvisatória dos duelos de rimas; 2) as categorias “rima”/“rimar” incorporam tanto a dimensão métrica do termo flow quanto a estruturação poética dos versos - ou seja, as rimas e o ato de rimar *stricto sensu*.

DIAGRAMA DE RIMA: APRESENTAÇÃO GERAL

O diagrama de rima é uma tentativa de contemplar, no trabalho de transcrição, percepções acerca da pulsação rítmica, dos versos rimados, do início de cada verso e da escansão rítmica dos versos em sua relação com o beat. A forma

desenvolvida até o momento assemelha-se a uma espécie de planilha com diferentes elementos visuais que permitem compreender aspectos poéticos dos duelos de rima.

Para um entendimento apropriado da estrutura geral do diagrama de rima, faz-se mister destacar que os duelos de rimas se estruturam em uma espécie de script de momentos e ações. Em geral, há uma introdução do beat para que o MC seja capaz de sentir a pulsação e iniciar um movimento de interação com o público. Em seguida, dá-se o desenvolvimento das rimas propriamente dito, momento em que predomina o rimar, com considerável rigor rítmico no modo de distribuir as palavras e versos em relação ao beat (eis a importância de senti-lo). Por último, tendencialmente há um momento de finalização do round que ocorre após a interrupção do beat por parte do DJ, obrigando o MC a encerrar sua rima a capella, não raro, sem rigor rítmico. Esses diferentes momentos do duelo de rima se encontram marcados na primeira coluna à esquerda do diagrama de rima.

Tendo em mente a macroestrutura dos momentos do duelo, deve-se atentar à dimensão rítmica do ato de rimar propriamente dito. No diagrama de rima, esta dimensão se expressa comparativamente entre suas duas primeiras linhas e as células do corpo do diagrama. Na primeira linha, temos as marcações principais que organizam o tempo musical em ciclos simétricos de quatro pulsações, ao passo que na segunda temos subdivisões das pulsações principais de modo a permitir uma maior precisão na indicação do ritmo das sílabas. As duas primeiras linhas servem de referência rítmica fixa - uma espécie de transcrição dos traços rítmicos essenciais do beat que orientam as rimas dos MCs.

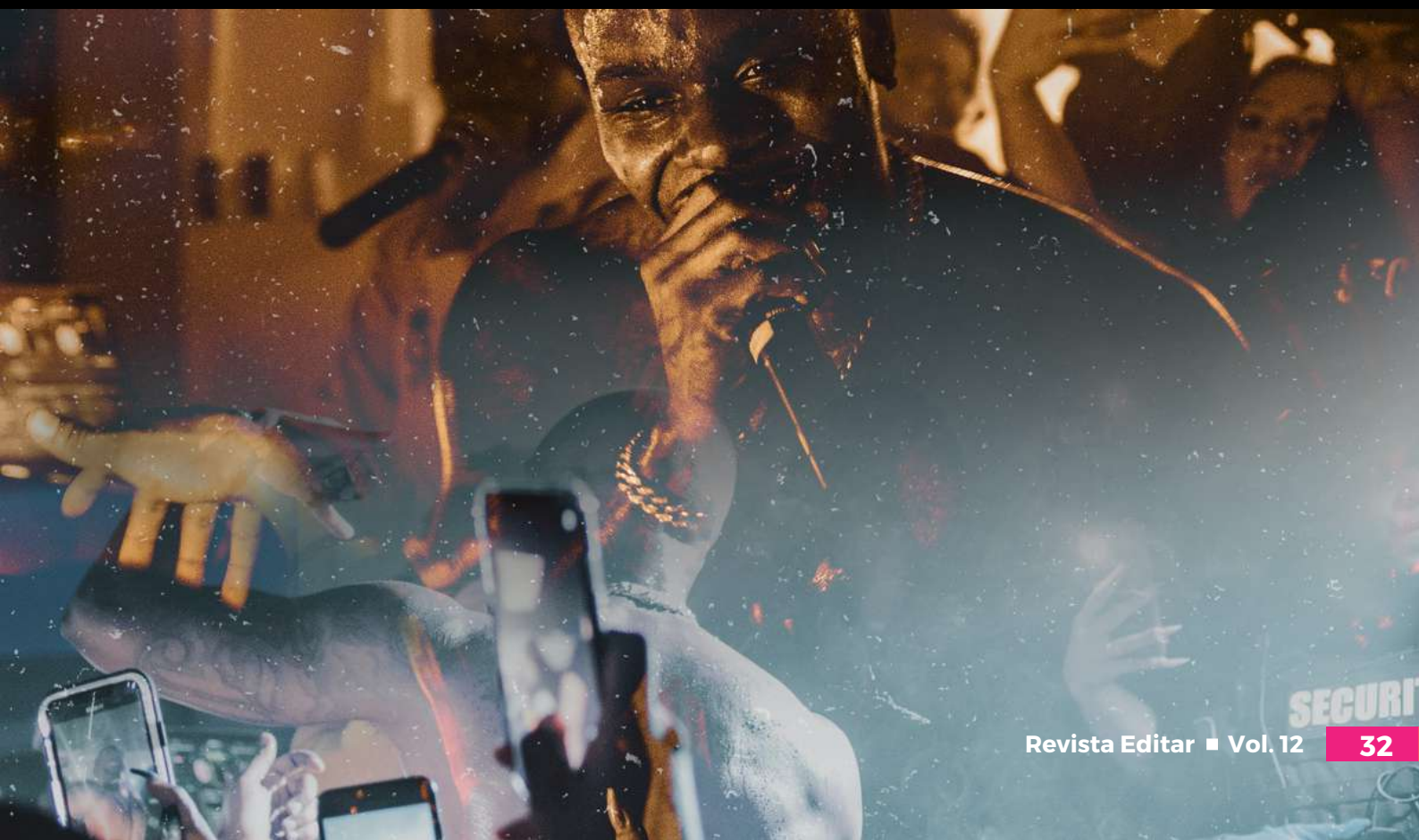
Para interpretar a duração proposta pela transcrição, deve-se comparar o tamanho das linhas superiores (marcações principal e suas subdivisões) entre si e também com as células do corpo do diagrama. Se uma célula do interior do diagrama de rima corresponder exatamente ao tamanho das marcações principais ou de suas subdivisões, ela corresponderá à duração temporal destas últimas; caso contrário, ela terá duração proporcional ao tamanho destas. Por exemplo, se temos uma célula no interior do diagrama que corresponde à metade do tamanho de referência de $\frac{1}{4}$, por exemplo, indica a duração de $\frac{1}{8}$ de uma das marcações da primeira linha.

No interior do diagrama de rima, as células devem ser lidas da esquerda para a direita, de cima para baixo, e representam, cada uma, uma parcela de tempo musical. Considerando que a metrificação musical do verso se compõe de sons e silêncios, devemos interpretar os campos coloridos, com sílabas, como aqueles em que há ritmo vocal, e os campos em branco indicam momentos em que o MC fica em silêncio.

Na divisão silábica das palavras, foi utilizado hífen (exemplo: ra-que-te), indicando que a palavra continua no campo seguinte. Para fonemas de palavras diferentes que são emendados em sua pronúncia, foi utilizado o traço inferior (exemplo: que_é). Importante destacar aqui que, embora muitas vezes os MCs se valham do emprego de sílabas poéticas (e não gráficas) para realizar a distribuição rítmica das palavras ao longo do tempo, muitas vezes podem abrir mão deste recurso, realizando uma dicção mais detalhada ou separada dos componentes dos versos. Por esse motivo é que se encontra, no presente diagrama de rima, a grafia “emeci” em vez de “MC”: cada sílaba do acrônimo é pronunciada numa parte diferente de tempo, sendo necessário soletrá-lo para que ele se acomode ao beat.

Com fins de facilitar a visualização da organização dos versos no tempo, utilizou-se um sistema de coloração destacando as parcelas de tempo em que há a produção de fonemas dentro do verso, destacando-os com a cor azul. Outra medida foi a utilização da cor rosa para destacar o início de cada verso, possibilitando a observação da distribuição dos versos ao decorrer do tempo. Tais recursos visuais foram utilizados para facilitar a determinação da escansão dos versos, isto é, como eles se desenvolvem no tempo, considerando sua métrica e acentuação.

Após essa contextualização geral, apresentamos a transcrição parcial das quartas de final do Duelo Nacional de MCs, mais precisamente o primeiro round do duelo entre os MCs Miliano (MS) e Drizzy (MG), na resposta de Drizzy a Miliano.



Drizzy (MG) x Miliano (MS), 1º round, resposta de Drizzy

Parâmetros de tempo	1				2				3				4			
	1/4	2/4	3/4	4/4	1/4	2/4	3/4	4/4	1/4	2/4	3/4	4/4	1/4	2/4	3/4	4/4
Percepção do beat sem rima																
Rima com beat e ritmo mais rigoroso	me-	tro",		le-	gal:		vai	to-	mar_	té	de	le	tem	mei-	o	ba-
	ta-	lha_	de_e	me-	ci_js-	so_a	qui	num	jo-	go	de	bas-	que-	que-	te,	te,
	é,		cê	num	ten-	de,		sua_l	dei-	a_é	muj-	to	véi-	a,		é
	pe-	que-	no_o	ta-	ma-	nhó,	mas	é	gran	de_a	mi-	nh_a_	dei-	ai		Fa-
	lou	do	Drizz			seu	ar-	rom-	ba-	do,		o	Drizz	veio	pra	ser
	o	he-	rói	ban-	di-	do,	Driz-	zy	é	um	deus	fi-	cha-	doi		
				A-	pren	de	qual	que	é,		va-	ci-	lão,			cê
	deu	um	pa-	po	de	fa-	lar_a	té	de	de-	co-	ra-	gão,			Eu
	fa-	ço	im-	pro-	vi-	so,	não	de-	co-	ro;_É	es-	pe-	ran-	ça		de-

Parâmetro s de tempo	1				2				3				4				
	1/4	2/4	3/4	4/4	1/4	2/4	3/4	4/4	1/4	2/4	3/4	4/4	1/4	2/4	3/4	4/4	
Rima com beat e ritmo mais rigoroso	co-	rar	seu	cai-	xão	lá	no	Bos-	que	da	Es-	pe-	ran-	gai		A-	
	ê,			is-	so	que_	vou	de-	co-	rar,	Mi-	li-	a-	no.		Sa	
	be,	meu	ma-	no,		que	vo-	cê	che-	gou	num	en-	ga-	no		Não	
	fa-	la	de	Drizz		É	o	con-	cei-	do	to.	Um	qui-	lo	de	que,	
	cu	zão?,		cê	vai	to-	mar	no	cu	do	mes-	mo	jei-		to!		
							Ha	ha	hai		Meu	ma-		no	Num	ten-	
				o	que	cê	vei-	o_a-	qui	tá	ar-	ru-	man-		do.	Sa-	
	di						no,	o-	cê	não	deu	mã	sor-	te		De	
	be	por	que,	meu	ma-												
	ba-	ta-	lhar	com	Drizz	[...]											
Rimas a cappella e sem rigor de tempo																	

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ALGUMAS QUESTÕES EDITORIAIS

Os elementos que compõem o diagrama de rima permitem uma leitura global de cada round do duelo, seja do conteúdo léxico ou musical da escansão rítmica dos versos. Além disso, é possível evidenciar visualmente a divisão dos versos e sua estrutura geral, com os momentos em que os versos começam e terminam e as formas de preenchimento do tempo musical com sons e silêncios. Essas percepções contribuem para a análise musical e a poética dos duelos de rima, especialmente do ponto de vista de sua forma e de suas tendências estilísticas.

Embora o diagrama estabeleça boas possibilidades para a análise poética e musical dos duelos de rimas, é necessário reconhecer algumas de suas limitações no que tange a outros importantes aspectos da performance dos MCs. Se o som musical - e, no nosso caso, a voz rimada - possui ao menos quatro parâmetros acústicos elementares (altura, duração, intensidade e timbre), o modelo de transcrição aqui apresentado permite a apreensão de apenas um deles - a duração. Dinâmicas de interação entre MCs e público, tal como gritos e aclamações dirigidos reciprocamente entre estes atores, muitas vezes se expressam em diferentes registros de frequências sonoras, entre o grave e o agudo; a utilização por parte dos MCs de timbres diferentes, como vozes robotizadas, anasaladas ou produzindo timbres específicos para surtir efeitos para onomatopeias; a intensidade das vozes, isto é, se alguém grita, mantém-se calmo ou cochicha, variando o volume do som - nada disso está representado no diagrama de rimas. Um dos problemas dessas lacunas é que elas podem dificultar a conotação de sentidos poéticos ou até mesmo deixar imprecisas sonoridades de fonemas utilizados pelos MCs.

Além disso, cabe enfatizar que mesmo o aspecto de duração pode não ser totalmente preciso em certos momentos, como na interação entre o público e o MC fora de dinâmicas de pergunta e resposta musicais (que, inclusive, não foram transcritas aqui). Outra lacuna relacionada com a duração é a transcrição de versos cantados a capella, após a interrupção do beat, já que os MCs podem retardar ou acelerar a velocidade das rimas ou mesmo abandonar progressivamente o sentido fixo da marcação de pulsações diante da necessidade de finalizar suas rimas rapidamente. Esses momentos sem rigor de tempo do beat demandam formas gráficas específicas de transcrição que ainda restam por desenvolver.

É necessário considerar os acertos, mas repensar meios para se apreender dimensões ignoradas por esse modelo. Outras informações poderiam trazer novas perspectivas e possibilidades de análise, ampliando o escopo para a observação de fenômenos e convenções que se perdem quando não observadas. Uma das possibilidades seria articular a visualização do diagrama

de rimas com outros suportes midiáticos, em específicos fonográficos ou audiovisuais. Tal é a proposta de Frans Wiering (2009) ao pensar as possibilidades, limites e, sobretudo, compromissos musicológicos na produção de edições musicais críticas. Se a transcrição e sua formalização em edições musicográficas ainda representam uma tarefa incontornável para a análise detalhada de práticas musicais, tais edições não podem se furtar a reconhecer e explicitar criticamente seus próprios limites. Ao fazer um balanço crítico, ainda que breve, do modelo de transcrição que temos desenvolvido, esperamos indicar as tarefas editoriais que nossas pesquisas estão enfrentando e continuarão a enfrentar.

REFERÊNCIAS

EDWARDS, P. How to rap: the art and science of the hip-hop MC. Illinois: Chicago Review Press, 2009.

FLEURY, M. C. Híbridas locais e processos identitários: o rap em Goiânia e Aparecida de Goiânia. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Escola de Música e Artes Cênica (Emac); Programa de Pós-Graduação em Música. Goiânia, 2015. 164 fls.

KRIMS, A. Rap music and the poetics of identity. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

TEPERMAN, R. Improviso decorado. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, v. 56, 2013. p. 127 - 150.

WIERING, F. In: CRAWFORD, T.; GIBSON, L. Modern methods for Musicology: prospects, proposals, and realities. Padstow: Ashgate, 2009. p. 23 - 45.

por Camila Dió

À noite,
a nuance particular do dia
se choca
com letras e trocas,
às estrelas que explodem
ao som da bateria

Uma banda de mim toca e se encanta,
a outra já não tem mais garganta

E o céu que fora brando pela manhã
e reinado pela afonia
infinitamente brilha
no céu de minha boca,
como se eu guardasse no estômago
uma vontade rouca

ao léu
louca

de dar grito
vazão ao ressoar do corpo,
que clama aos
fenômenos astronômicos
que se tornem rítmicos

Onde não há som,
onde não há nada

POEMA

Só o que há escrito
do universo e seu vasto
cheio-vazio
infinito



Camila Dió, mineira de nascimento e coração, é formada em Artes Visuais pela UFMG e estudante de Letras pelo CEFET-MG. As palavras são uma paixão antiga. Escreve desde a infância e sempre esteve envolvida com o mundo das artes. Hoje, aos 31 anos de idade, tem dois livros publicados: Não escrevo poemas de amor (Penalux 2020) e Quando versos gotejo (Penalux 2021).



O RETRATO de uma sonhadora

por Nicole Dias

Estudante de Letras - Tecnologias de Edição, no CEFET-MG. Contato: nicoledias277@gmail.com

O som incessante das gotas de chuva caíam em uma ordem ritmada nos três baldes dispostos por toda a galeria. Era por essa razão que Ana detestava o tempo de chuva, por conta das goteiras do único estúdio que sua conta bancária falida ainda podia pagar. Quase! Dentro de duas semanas, nem isso ela poderia pagar mais. Ana detestava se sentir assim, odiava ter que sentar em frente a uma tela vazia e se obrigar a pintar algo desceite. Ela odiava ter que sair de casa, deixar sua avó com a cuidadora e ir para aquele lugar fétido, úmido e ruidoso no centro de um pequeno bairro da periferia. A única coisa boa ali eram as janelas de vidro - velho e gasto demais - que traziam a luz perfeita para dentro do pequeno espaço, no entanto, nem aquela luz pura e vívida trazia consigo a inspiração ideal para Ana. Nada.

Naquele momento, sentada em frente a uma aquarela e uma tela em branco, Ana se viu diante de dois pensamentos: o primeiro é que ela precisava de tintas e pincéis novos e o segundo é que só poderia comprá-los se pintasse algo e vendesse.

AAAAAAA!! - berra Ana, se segurando muito para não derrubar nenhum material, considerando sua pequena falta de dinheiro. - Isso é tão frustrante!!!! - reclamou a moça, engolindo o choro e respirando bem fundo.

Aquilo tinha que passar, aquela angústia tão sufocante e paralisante, aquela ansiedade dolorosa, que vinha roubando seu sono e fome. Aquela coisa tinha que acabar. No entanto, como resolver um problema que, aparentemente, não possui soluções lógicas? Ana costumava pintar com tanta desenvoltura e facilidade, tanta habilidade e rapidez... Era bom, era seu refúgio. Era só a moça encostar em um pincel, fechar os olhos e deixar que toda aquela inspiração crua e rebelde saísse para fora. Todo aquele fogo ganhava forma, ora abstrata outrora em perfeita ordem, e fluía em

seus movimentos firmes, precisos e delicados. A moça podia sentir a inspiração sussurrando os segredos mais profundos, direcionando seus movimentos, levando-a a escolher as cores certas, os tons ideais. Ana podia sentir a inspiração à espreita, cutucando-a, beliscando-a, empurrando-a para aquele abismo de ideias poderosas e jamais pensadas.

Ana era talentosa, boa demais para ficar parada. A moça, mesmo com tão pouca idade, carregava aquele anseio pela excelência dentro de si. A determinação na medida perfeita. No entanto, naquele momento ela sentia-se uma farsa. Uma farsa nojenta e enganosa.

Ah, como Ana odiava aquele fingimento que às vezes tentava levá-la a fazer o que não devia e acabar se intitulando uma pintora. Não, você não é pintora. Você é uma amadora, menina tola!

Não, Ana era boa demais para aquele estúdio velho; boa demais para a vida medíocre que vinha vivendo; boa demais para aquele som insuportável das goteiras da galeria que, agora, já tinha enchido os três baldes, fazendo com que um pouco de água transbordasse.

Com expressão derrotada, Ana encarou-os por cerca de 10 minutos até se levantar para esvaziá-los na pia encardida. Argh!! Ana odiava tanto aquele lugar!

Até que no segundo balde a moça parou, encarou a água transbordante e compreendeu tudo. A verdade é que ela estava cheia demais, preenchida por tantas dores e problemas, e não sabia como pintar. Bastava extravasar, Ana. Só extravasar, deixar toda aquela dor, frustração, angústia, medo, decepção saírem de seu corpo por aquele raro fio condutor: o pincel.

Então ela o fez, fechou os olhos e deixou com que aquela mágica tomasse forma para fora de si, deixando que aqueles formatos distintos e variados saltassem para fora da mente, passasse pelo pincel e fluísse para a tela, antes vazia, agora preenchida por diversas tonalidades e nuances de cores que, embora opostas, juntas criavam a mais bela das obras de arte. O mais belo dos autorretratos.

Após um longo tempo de trabalho, Ana observou o sol, que antes brilhava forte e vigoroso, agora já se punha para descansar.

A moça encarou a tela preenchida, se atentando aos detalhes tão delicados e, em seguida, encarou seu retrato na tela. Aquela jovem sorridente e brilhante, que sonhava, respirava, ansiava por arte... quem ela havia deixado de ser por causa dos problemas da vida. Tudo tinha se tornado doloroso demais.

No entanto, naquela noite, ao chegar em casa, encarou-se no espelho por uma hora. Seus olhos vagueavam para as olheiras profundas, devido a falta de sono e perda de peso considerável. E, naquela noite, ela se decidiu. Não seria mais a mulher vazia e sem sonhos que via no espelho. Não. Ela seria a jovem vigorosa que havia pintado naquela tarde, não importava como...



MICRO CONTO

SERVIR-TE-EI

por Franco Dafon

Ela sempre ouvia que deveria servir o homem...

Em casa,
na rua,
na feira,
em todos
Em todos os lugares que passara.

Ela não era adepta à ideia
De servir o homem

“Tu deves sempre servir o homem”

Conheceu um mancebo,
Casou-se e
Viveu com ele

Convidou sua vila para um jantar
Um jantar em sua casa

O prato principal era o seu marido
A cabeça de seu marido



MICRO CONTO

Assustaram-se todos:
Homens correram
Mulheres gritaram...

E ela,
Aquele mulher cansada,
Estarrecida por ouvir aquele comando
Calma estava

Salivando, recitou
Que apenas estava servindo o homem.

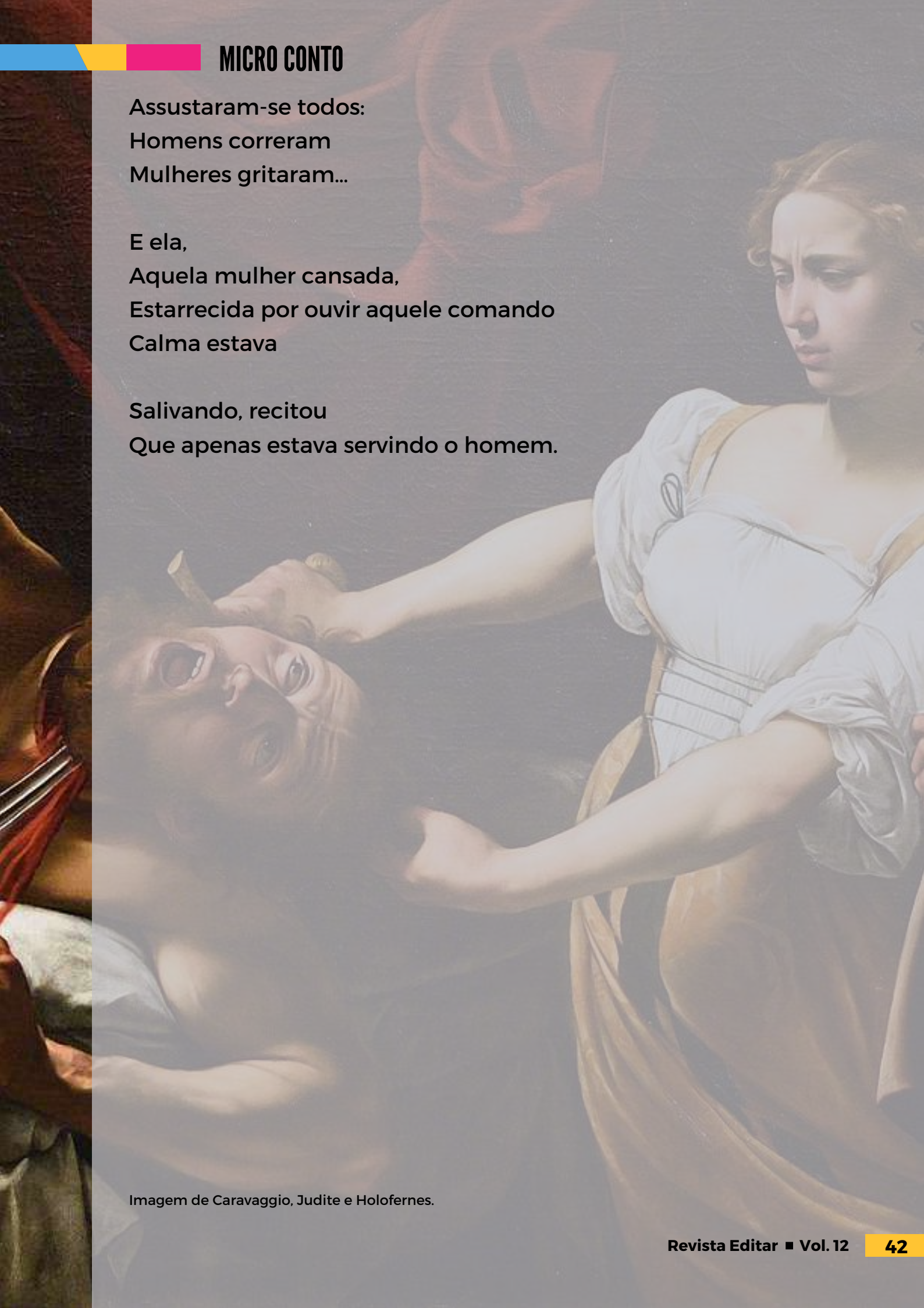


Imagem de Caravaggio, Judite e Holofernes.



A NÃO metamorfose

por Arilma Marques

Contato: arilmamarques38@gmail.com

Quando certa manhã acordou... calma aí! Não havia se metamorfoseado num inseto, sentia uma dor no pescoço, dormira de mau jeito, como sempre.

Vestiu seu uniforme de sempre, penteou o cabelo como sempre, esse já não era o mesmo, o tom grisalho se sobressai. Gostaria de dizer que se tornou um charmoso homem grisalho, mas não, era apenas um homem extremamente comum.

Chegou ao trabalho às 8, como de costume. Não odiava seu trabalho, nem gostava...

Às 13 horas lá estava ele, almoçando no restaurante de sempre, pensando no quanto fora sonhador em sua juventude, no quanto amava algumas coisas e odiava outras com a mesma intensidade. Seu chefe era do tipo que não fazia questão de gentilezas, mas não o odiava, tampouco amava, afinal, ele era apenas mais uma pessoa com quem era obrigado a conviver. Ah, as pessoas... achava elas estranhas, intensas demais, calorosas demais, amáveis demais, raivosas demais.

Terminou seu trabalho como sempre, sem erros ou algum feito grandioso, sabia o que fazer, trabalhava ali há anos. Entrou no seu velho carro e dirigiu para casa, a casa onde moravam seus pais e onde ele cresceu.

Ligou a tv, nada lhe agradava. Série adolescente? Romance? Telejornal? Tudo muito chato. Parou numa dessas reportagens sobre superação, "seu Arí, aos 89 anos conseguiu realizar o sonho de se formar na faculdade", deu um sorrisinho, "ora, que bobagem! Já está com o pé na cova". Desligou a tv, tomou seu banho de 9 minutos e foi dormir, uma questão tomou seu pensamento "e se eu fizesse algo novo?", logo essa ideia desapareceu, afinal estava bem assim. Ajeitou-se no mesmo lugar da cama, que já esta-



va fundo por aguentar seu corpo há anos, não precisava mudar, "ele nunca mudou", foi o que disseram os vizinhos ao encontrarem seu corpo sem vida na manhã seguinte. Antes houvesse se metamorfoseado num inseto... antes houvesse se metamorfoseado!

Dis-cente

por Anderson Ribeiro

Falta ar,
Treme, treme tudo,
Um balanço na pele que vem de dentro.
Só vem. Incontrolável!
Vem do medo?
Mas medo tem de quê.
Fica rápido,
Trabalho, tempo, limbo.
E se não der? E se não for?
Não dou conta, é muito! É?
E a nota?
Alguém nota?
Sempre anota!
Quero. Posso?
Dúvida. Dívida. Duvida?
Falta-r faz p-arte.

Anderson Ribeiro é pedagogo no CEFET-MG Campus Divinópolis desde 2015.



Eu e o RELÓGIO

por Don Lopez

Lauricio Lopez Romero (Don Lopez), nasceu em 1939 no bairro do Brás (SP). Ele é filho de um espanhol teimoso e curioso, é casado, pai de 6 filhos e avô de 11 netos e 2 bisnetos. Além disso, é mecânico industrial e consultor de vendas aposentado. Conta sempre com ajuda de Deus e dos amigos. Contato (Neta): isateotoniocampos@gmail.com

Tic, TAC, tic, TAC, tic, TAC, já se passaram três segundos e eu não escrevi nada. Não, não faltou inspiração, é que sou lento mesmo. O tempo passa e não fiz o curso de férias, não escrevi o romance que tinha planejado, não terminei o curso de Inglês (me dei a desculpa que não tinha tempo), não conversei com meus filhos, não fiz faculdade...

Eu detesto o relógio, ele me acusa agora... Tic, TAC, tic, TAC, tic, TAC...

O passado, ah o passado! O passado é só o grande professor e passou... Assim como esses segundos e minutos, passou, e tudo que eu escrevi também será passado. O presente é o grande senhor do tempo, é nele, no agora, que definimos o amanhã e se eu escrever meu romance agora, quem sabe, ele poderá animar a fantasia de outros. Se eu estudar meu Inglês agora, quem sabe amanhã terei a oportunidade de conhecer alguém de língua inglesa, ou melhor, conseguir uma oferta de emprego pela minha fluência no idioma.

Se eu apenas olhasse o ponteiro do relógio, tic, TAC, tic, TAC, as linhas acima não teriam sido grafadas. Em meu amanhã (se o patrão celeste permitir) não teria mais um pensamento para passar aos meus netos, pois talvez a senilidade não mais me permitiria a expressão oral lúcida.

Acabei de preparar uma proposta e enviar para um cliente. Se não a tivesse preparado por ser sábado, na segunda talvez não tivesse tempo e não teria uma venda no próximo mês. Só o agora é que importa, ele é tangível, está ao nosso dispor, Só temos certeza dele... Tic, TAC, tic, TAC, Tic TAC, xiii...

Já virou o mês e não retornei às aulas de inglês. Já vivi 85% da expectativa de vida de um brasileiro e vou ter de acelerar, pois pretendo ainda aprender japonês e mandarim.

Panthera tigris (Linnaeus 1758)¹

por Antonio-Pedro Vargas

Ela, numa cama-ilha flutua
Sonhando, num êxtase complacente
Branca, bela e completamente nua
O rosto levemente inclinado
Olhos fechados mirando ao alto
A minguante Lua
O Loxodonta esquálido
Em quatro varetas a se sustentar
O vasto-mundo-obelisco a carregar
Ela, que sobre mármore flutua
Pensando, num êxtase indiferente
Branca, bela e explicitamente nua
Estaria Anibal-pródigo saqueando Roma?
Não haveria neve nos Alpes-Apeninos?
Ou seria um real esquisito presente
De Portugal para sua majestade imperial?

Ela, da vieira ao azul flutua
Vagueando estática num êxtase sensual
Ela, branca lua e bela Vênus nua
A coxa direita semifletida
A perna a se deixar molhar
No oceano e na espuma escura
Estaria o original-pecado numa romã?
O doce castigo nas brumas do amanhã?
Ou seria a moça nua

¹É frase de "Sonho causado por uma abelha ao redor de uma romã um segundo antes de acordar" de Salvador Dali, 1944.

POEMA

Bela Simonetta deusa-lua
Das melífluas abelhinhas criatura
E não os tesouros de Salomão
A real tentação
De Hieronymus e Sant'Antão?

Ela, que sobre a terra e o mar flutua
Amando, num êxtase ardente
Sedutora Eva inconscientemente nua
Os cabelos castanhos molhados
Enamorando seu amante-trino
Indiferente à baioneta que lhe arranha o braço
Ela, que sonolenta postula
Pensando, num êxtase insolente
Bela, vera e solenemente nua
Estaria Rudyard colonizando a Índia?
Ou seria Burton na sua novelesca busca
Da cupidez mais pura?
Ela que seduzindo insinua
Levitando, num êxtase indecente
Os seios desejando
O arrebatamento do violento amor
Dos amantes trinos do Amur

Ela, romã deusa-fruta,
Derramando num estouro as sementes
Levitando sobre o oceano e o céu quente
Desejada modelo ingênua e nua
A explosão, o gozo,
o corpo e o encontro inevitável
Do amor do peixe devorador-devorado

POEMA

Vomitando Violência-Volúpia dos amantes de Amur
Dois tigres e um eterno clímax
Ela, em sonolenta luxúria
Pensando, num êxtase inclemente
Bela, vítima dolorosamente nua
Estaria o peixe engolindo o desesperado tigre
Devorando aquele que deveras o devora?
Ou seria dipnóico Lepidosiren
Sarcopterygii parindo inconsolável Jonas
Filho-pródigo em sua incontrollável maratona?

Ela, que no firmamento flutua,
Sonhando num êxtase delirante
Branca, eterna e belamente nua
Desejando o tigre seu amante
Cega sob a luz da branca lua
O felino listrado de olhar assustado
Garras e caninos afiados, abraço aterrador
Será que morrerei brutalmente esfaçalhada
Minha delicada nudez rasgada
Antes de ser profanamente devorada?
Ou será que morrerei arrebatada
Enleada, enlevada, deleitada,
Do mais puro e sublime
Amor?

Ptilonorhynchus violaceus (Vieillot 1816) **Menura novaehollandiae (Latham 1801)**

por Antonio-Pedro Vargas

Vida, música, poesia,
Tudo é poesia
para a amada
a via deve ser bela
a vida deve ser bela
Topázio, jaspe, esmeralda,
rubi, diamantes, tampinha
de garrafa arroxeadada
Tudo é poesia!

Guggenheim

Tudo é música
harmonia, ritmo, melodia,
concerto, sinfonia, balada,
samba-canção
dodecafonía
fax, hélice, caminhão
Quarteto de cordas com helicópteros
Tudo é música!

Stockhausen



ARTE e cotidiano

por Débora Bitarães Ribeiro.

Débora Bitarães Ribeiro é graduanda do curso de Química Tecnológica na instituição de ensino Cefet-MG, Campus Timóteo. Contato: dedaui@gmail.com

O que é arte afinal? No dicionário, a arte pode ser descrita como "realização de uma ideia" ou até como "dom, jeito", mas eu acredito que arte vá muito mais além disso. Desde o início dos tempos, as pessoas vêm procurando um significado para esse termo, sem muito sucesso. Ao decorrer deste texto, eu tentarei descrever meu sentimento com relação à arte e o significado que dou para esta palavra tão misteriosa.

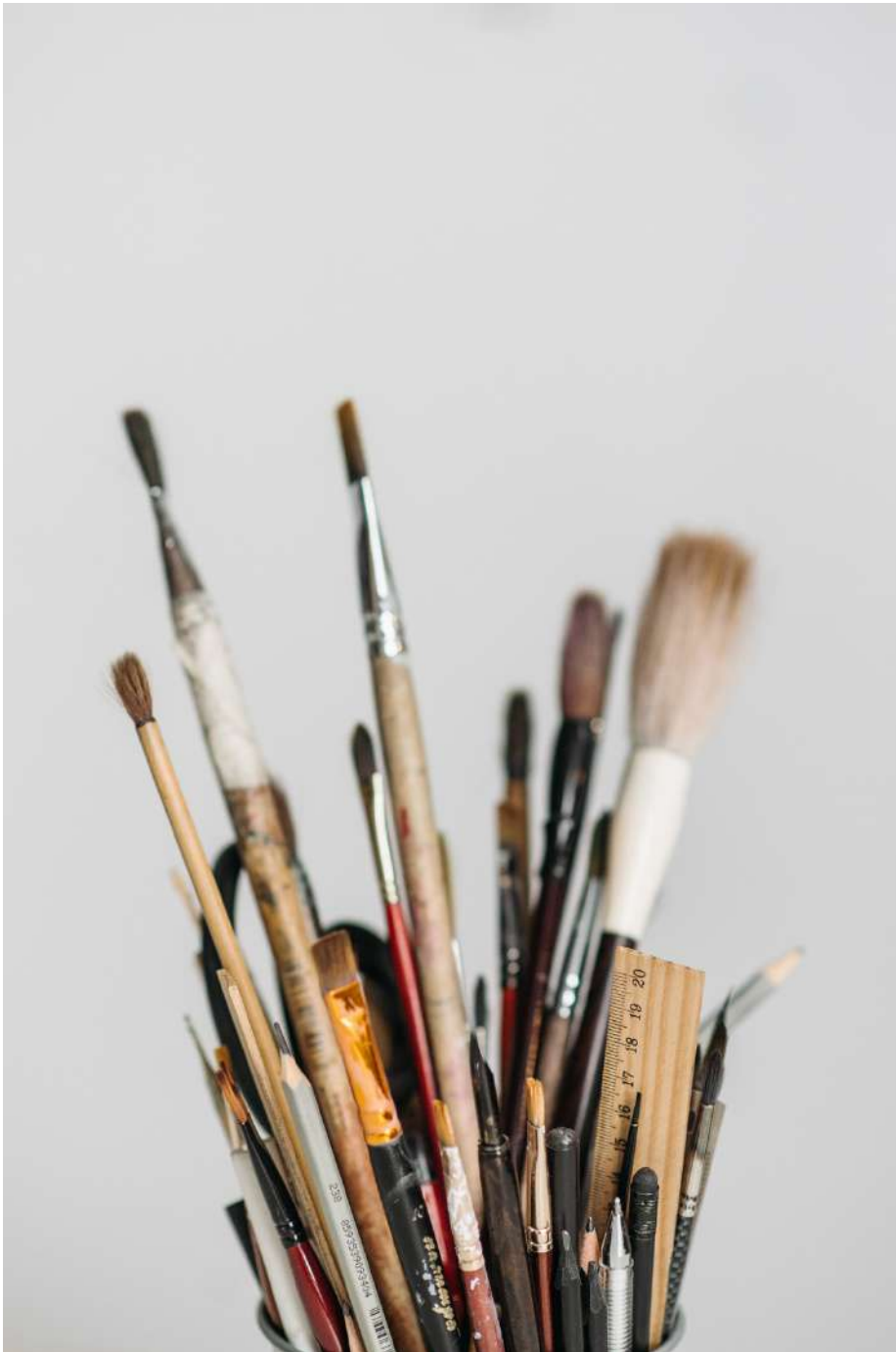
Fernando Pessoa descreve: "A arte consiste em fazer os outros sentirem o que nós sentimos, em os libertar deles mesmos, propondo-lhes a nossa personalidade para especial libertação". Por muito tempo, eu pensei que fazer arte tinha esse sentido - para falar a verdade, até o início deste ano - mas, depois, eu percebi que a arte vai muito além do sentir, ela está em construir. Vou explicar melhor ao longo do texto.

Nós, como seres humanos, estamos a todo momento construindo o nosso tempo presente, e é sobre isso que Drummond fala em seu poema "mãos dadas": "O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens/presentes, /a vida presente." (ANDRADE, 2012, p. 34). Acredito que, além de sentimento, a arte seja isso - uma construção do nosso presente. Pois, se pararmos para pensar, não podemos definir decididamente o que é arte, porque ela está em plena construção e nós a criamos o tempo inteiro. Por exemplo, quando ouvimos uma música que gostamos e falamos para o outro, quando fazemos um desenho e também quando escrevemos um texto.

A arte está e sempre esteve presente em nosso cotidiano, desde os primórdios, e, para mim, ela não morrerá enquanto a humanidade existir, porque a arte é uma forma do ser humano se encontrar no mundo e construir a sua realidade. Quando eu comecei a criar o sentido de arte dentro de mim, os meus pensamentos e conhecimento a respeito da vida começaram a se modificar. Agora, apesar de tudo, eu me encontro e me re-

conheço como um ser que faz arte e que necessita dela, desde a área que mais gosto - que é a da poesia - até músicas e filmes.

O momento em que me descobri como uma pessoa que faz arte foi quando escrevi o meu primeiro poema, “espelhos”. Eu estava tão triste e aquilo me trouxe um alívio tão grande que não sei nem expressar. Eu já lia bastante, mas ainda não me via como parte efetiva disso. Na poesia eu me encontrei e me fiz arte.



Questões

O
Dia
Se
Foi
A
Noite
Chegou,
Ceifou
A
Palavra
Dita
Em
Silêncio,
O
Segredo
Desconexo
E
A
Tristeza
Mina
Minha
Mente
Todo
Dia.

POEMA

Véspera de Natal

por Gonzaga Melo

É quase Dezembro... É quase Natal... E lá fora chove...

Há um temporal em minha mente.

De tristezas, de medos e de angústias também.

Ah, vento forte... Sopra pra longe essa pandemia,

Varre o chão da minha vida.

De tudo que for ruim.

E lá fora chove...

E que chova esperança, amor, fraternidade.

Pra todos nós... Enfim!"

CARTA aos estudantes

por Francisco Freitas

Francisco Freitas, professor do CEFET-MG, coordenador do Projeto de Extensão Podcast Podeque, doutor em filosofia pela PUC-SP, psicanalista, padreiro, jardineiro, publicou o livro **Cartografias nômades: ensaios de estética e antropologia** (Editora Milfontes, 2021).

Queridas e queridos estudantes,

Há quase dois anos, nos encontrávamos na escola, conhecendo outras pessoas, cheios de planos e expectativas para o novo período de nossas vidas. Não tínhamos a menor ideia do que viria a acontecer. O mundo parou com o advento da maior pandemia da história. Sem que pudéssemos nos despedir, fomos arrancados do convívio com as pessoas mais próximas. Ficamos meses sem saber o que fazer, qual o limite entre o cuidado e a paranoia, sem expectativa de retorno às aulas e à vida que levávamos antes. O “novo normal”, como muitos dizem, também deixou às claras que a “velha normalidade” não era tão normal assim. As florestas ardiam em chamas, o céu das cidades se cobria de cinza, o medo e o ódio se espalhavam pelos corações e bocas, afastando as pessoas e, mesmo assim, seguíamos sem saber o que fazer. O ensino remoto, com todas as suas vantagens e desvantagens, nos deu um certo alívio em meio a uma estranha rotina a que gradativamente fomos nos acostumando. Certamente não somos mais os mesmos. O mundo mudou e algo em nós também mudou. Mais do que nunca, estamos constantemente diante da fragilidade, da transitoriedade e da finitude da vida.

Hoje, somos apenas uma voz no murmúrio da multidão. Distantes uns dos outros, destituídos de corpo, somos apenas um rosto, um rastro de uma imagem fugaz, meros fotogramas efêmeros. Sem podermos sentir o tato, o cheiro e o gosto uns dos outros, resta apenas nos ver e ouvir. Essa experiência reduzida do corpo talvez, também, faça com que tenhamos outra relação com a vida e a morte.



Procuramos outras maneiras de viver só e de viver junto. Como nas belas palavras de Guimarães Rosa: “Eu estou só. O gato está só. As árvores estão só. Mas não o só da solidão: o só da solistência.” (**Ave, Palavra**, p. 98). Dessa forma, acredito que estar sozinho é um modo de existência, uma condição compartilhada por todos os entes, pois o que insiste e persiste em ser adquire consistência. Ou, como na canção de Gilberto Gil, **Eu preciso aprender a ser só**: ouvir “o coração responder / eu preciso aprender a só ser”. Só, sim, sozinho; mas também “simplesmente ser”, modo infinitivo do que se é.

Contudo, como se sentir junto mesmo estando só? Como se sentir só mesmo estando junto? Como se sentir próximo mesmo que distante? Como manter a distância mesmo estando próximo? Como estranhar o que é familiar e se familiarizar com o estranho? Talvez seja preciso primeiro reencontrar a solidão para reinventar a vida junto. Talvez seja preciso nos afastarmos e estranharmos o que nos parecia próximo e familiar para então nos reaproximarmos e inventarmos outra familiaridade.

Nessas horas, os livros fazem uma espécie de companhia silenciosa, se abrem quando os procuramos, nos dão palavras que não tínhamos, pensamentos que mal conseguíamos formular. Entre uma leitura e outra, eu escrevia à procura de algo relevante a dizer. Assim, preparava as aulas, na companhia de interlocutores imaginários, procurando refazer meu personagem “professor”, recriar a mim mesmo. Não fui muito longe e não sei quais efeitos provocaram nas pessoas que se dispuseram a me acompanhar nessa jornada, cada qual em seu quarto e em seu caminho, juntos na distância.

O que **resta** dizer? Multiplicar as palavras apenas aumenta o fosso do não-dito, do silêncio e do esquecimento. Gostaria que minha voz ressoasse sem saber se o que digo vem de mim ou de você. Gostaria de dizer para **você** que me escuta e não me vê, como se estas palavras fossem suas e não minhas. Fazer destas palavras uma **carta de você para você**, ao invés de um discurso de um qualquer para qualquer um. E que essa carta fosse uma resposta às cartas não escritas, ou jamais enviadas, uma resposta ao silêncio diante do medo ou da indiferença. Intento inventar meu eu quando escrevo, criar minha voz narrativa, inaugurar outro espaço, outro tempo para cada letra, talvez, por acreditar na vida própria das palavras. Escutar o silêncio e daí extrair o não-dito. Para então “povoar de vozes meu silêncio”, como quer a poeta argentina Alejandra Pizarnik (**Cartas**, p. 180). E, assim, dissolver **meu eu** no fluxo do pensamento enquanto que **seu eu** se dissolve no refluxo do momento. Ouço em seu silêncio uma voz distante, fragmento de texto em uma língua desconhecida, balbúcio de um ser estranho em mim. Mas essa carta-resposta encontra primeiramente um remetente longínquo, desconhecido, quase mudo. Uma voz que não é minha, nem sua, nem de ninguém, que ressoa no solo da insignificância.

Leio uma carta do Sêneca a seu amigo Paulino: **Sobre a brevidade da vida**. Como uma carta extraviada de um remetente desaparecido, respondo a ele como se me dirigisse a você. Sua carta atravessou o espaço e o tempo, continentes e séculos, até chegar às minhas mãos. Passados dois mil anos, pouco aprendemos com o tempo sobre a vida e a morte. Estamos no ano 2021 da era cristã e ninguém poderia imaginar que a vida ainda nos foge e a morte nos acossa de todos os lados. Já faz um ano que estamos fechados em nossos quartos, em nossas casas, temerosos de sair, de caminhar pela rua, de encontrar com parentes ou amigos. Há quem esteja sozinho, completamente isolado, e há quem esteja acompanhado constantemente, sem espaço para ficar só, em seu silêncio, sem tempo para sua intimidade. O isolamento social é difícil para nós, humanos, animais gregários. Porém, mais que a solidão, a morte nos assusta. Pois, na solidão, os livros ainda nos fazem companhia. E é nesse momento que recebo sua carta, em boa hora, pois nossa experiência atual encontra em suas palavras alguma tranquilidade.

A vida é breve e a morte é a única certeza que temos. Mas entre a vida e a morte, há o tempo. E talvez seja seu ritmo que dê à vida sua brevidade ou longevidade. O tempo não é linear e contínuo: ora corre e acelera, ora para e estanca, passa voando ou rastejando, fica para trás ou nos atropela, se comprime ou se dilata. Nesses entretempos, como, quando e quanto vivemos? Você diz que é pequena a parte que vivemos, o resto é **tempo**. E no tempo em que não vivemos, meramente existimos. Entre a vida e a morte, um breve lapso de tempo. Justamente esse tempo que separa a vida da morte, as une não como uma linha reta, mas como um ciclo. Pensar a vida é pensar a morte. Você diz: “É preciso, durante toda a vida, aprender a viver e, o que talvez cause a maior admiração, é preciso,

durante toda a vida, aprender a morrer.” (7, 3)

Diante do enigma da vida e da morte, as religiões nos dão diferentes respostas. Aprendemos com as mitologias a inventar narrativas para dar sentido ao semsentido das origens e dos fins, quando não estávamos e já não estaremos presentes. Podemos ter diferentes atitudes diante da vida e da morte. Consigo distinguir pelo menos três.

Podemos afirmar, negar ou temer. Há quem, mesmo diante de tantas mortes diárias, negue a gravidade da situação. Esse “negacionismo” está longe de ser um pessimismo. É comum ter uma postura de negação diante de um perigo, como uma estratégia de autodefesa. Nesse sentido, a negação se aproxima da indiferença. Por que nos tornamos indiferentes em relação à morte? Hoje a morte é apenas números, cifras que aumentam a cada dia, e que quando nos chega perto, com a notícia de algum conhecido, lamentamos, mas logo suspiramos aliviados porque não fomos nós – não dessa vez. Quando não podemos enterrar os mortos, dificilmente vivenciamos o luto, pois ele constitui uma fase necessária para processar o sofrimento, refazer a memória, revalorizar a vida.



Por outro lado, há quem tenha uma atitude positiva, otimista, e afirme que, apesar de tudo, mesmo diante de tantas mortes, aprendemos muito e ganhamos alguma coisa. O quê? Dinheiro para alguns poucos à custa da

miséria de muitos? Essa atitude é mais incomum. Mas há também aqueles, talvez a maioria, que sentem medo e pânico.

Para você, Sêneca, ou quem me lê, não devemos temer a morte. Pois, como diz Epicuro, “quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos.” (**Carta sobre a felicidade**, p. 29) O que me lembra outra bela música do Gilberto Gil: **não tenho medo da morte**, “mas medo de morrer, sim; a morte é depois de mim”. Lembro-me também do poema **Quando vier a Primavera**, de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, que se tornou meu “poema de bolso” desde a adolescência:

Quando vier a Primavera,
Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes que na Primavera passada.
A realidade não precisa de mim.

Sinto uma alegria enorme
Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma.

Se soubesse que amanhã morria
E a Primavera era depois de amanhã,
Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.
Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir senão no seu tempo?
Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo;
E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse.
Por isso, se morrer agora, morro contente,
Porque tudo é real e tudo está certo.

Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.
Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.
Não tenho preferências para quando já não puder ter preferências.
O que for, quando for, é que será o que é.

Como é possível sentir “uma alegria enorme / Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma”? A indiferença com a própria morte não implica uma indiferença diante da morte dos outros, muito menos uma indiferença diante da vida. Ao contrário! É uma valorização absoluta da vida. A nossa experiência da morte é sempre mediada pela morte do outro. Historicamente, os seres humanos simbolizaram a morte de diferentes maneiras. No período barroco, por exemplo, em meio às mortes causadas pelas pragas e pelas guerras religiosas, a face da morte estava representada por todos os lados, dos quadros e portas das igrejas às peças de teatro. Como lidar com o horror diante do cadáver? A morte do outro me lembra da minha própria que um dia há de vir.

Para além do aniquilamento por vir, que se abaterá totalmente sobre o ser que sou, que espera ser ainda, cujo sentido mesmo, mais que de ser é de esperar ser (como se eu não fosse a **presença** que sou, mas o porvir que espero, que entretanto não sou), a morte anunciará meu retorno à purulência da vida. (Bataille. **O erotismo**, p.81)

Longe dos cadáveres, a morte se converte para nós em apenas um número na contabilidade macabra das fiandeiras do destino.

Mas por que Bataille insiste na relação com a morte em seu livro sobre o erotismo? Para compreender essa questão, nos reportamos a outro livro, de Sigmund Freud, **Além do princípio de prazer** (1920), que provocou uma reviravolta na história da psicanálise. Freud diz que há duas forças internas que nos movem, dois impulsos ou **pulsões**, de conservação e de destruição: Eros, a pulsão de vida ou sexual, e Tânatos, pulsão de morte ou do Eu. Essas duas pulsões se atravessam.

Se nós mesmos já temos de morrer e antes disso perder para a morte nossos entes mais queridos, é preferível que sejamos submetidos a uma lei implacável da natureza, à soberba necessidade, do que a um acaso que ainda poderia ter sido evitado. Mas talvez essa crença na legitimidade própria à morte seja apenas uma das ilusões que criamos para “suportar o fardo da existência”. (Freud. **Além do princípio de prazer**, p.151)

Seja a morte considerada natural ou acidental – é sempre um acidente –, por necessidade ou acaso – é sempre por acaso –, nossa crença de que ela seja **legítima**, isto é, um direito do cadáver sobre a vida que reclama a decomposição para a renovação do ciclo, é uma ilusão que criamos para “suportar o fardo da existência”. Os gregos conheciam bem essa experiência. Diante do niilismo existencial (“Se vamos morrer, para que viver?”), responderam com a invenção da tragédia. O trágico é a afirmação da morte e do destino como afirmação da vida, e não a afirmação da morte como negação da vida.

O que gostaria de extrair disso é nosso próprio mito, nossa principal narrativa interna, nossa maior ilusão: a da **unidade do Eu** e seu impulso à

conservação e à destruição. As duas pulsões, segundo Bataille, não são opostas. Existe uma proximidade entre o sexo e a morte como dissolução do Eu individual e descontínuo na continuidade dos seres, uma dissolução do limite entre o eu e o outro.

Retomando o que estava dizendo antes, gostaria de levar essa discussão sobre a vida e a morte para o seu denominador comum: o tempo. Mesmo o tempo cronológico, linear e contínuo, dividido entre passado, presente e futuro, comporta diferentes intensidades e durações. Tanto o passado quanto o futuro só existem no presente: o passado como memória e o futuro como expectativa. Assim, no momento presente, podemos ter diferentes relações com o passado e o futuro.



O passado não é apenas o que passou, mas o que fica na memória ou é encoberto pelo esquecimento. A memória é formada por distintas camadas de tempo, que se sobrepõem, se atravessam e se modificam, adquirindo novos significados. Desse modo, a memória não é um museu de coisas conservadas em caixas de vidro ou baús. Um pequeno elemento de uma lembrança, uma cor, um som, um cheiro, se associa a outro elemento de outra lembrança, fazendo e desfazendo redes de conexões temporais no presente. O passado nos assombra quando um evento traumático que nos marcou não é ressignificado, retornando sempre como um fantasma ou um sintoma.

E o futuro? Diante de tamanha incerteza, até sentimos saudade de ter um futuro! Vivemos o presente como o tempo da espera. Essa espera diante do inesperado pode nos provocar **esperança, medo ou angústia**. A esperança é a espera de algo bom, enquanto o medo é a espera de algo mau, ameaçador. Diferente do medo, que é a expectativa de uma ameaça, real ou irreal, mas que tem um objeto que conseguimos identificar, a angústia é um sentimento diante do vazio, sem objeto definido. Diferente da angústia é a ansiedade, que se tornou um dos principais transtornos da atualidade. Enquanto a angústia é uma disposição face ao vazio existencial, a ansiedade é uma agitação, que nos paralisa ou nos mobiliza sem direção. A ansiedade não se dá apenas diante **do que fazer**, do futuro imediato, mas também diante do que foi feito, do passado que poderia ter sido diferente. Nos torturamos com os “e se...” o passado fosse diferente, “e se...” o futuro fosse possível. Criamos e destruimos mundos imaginários sob os quais perecemos. Diante de infinitas possibilidades, sentimos o peito esmagado pela impossibilidade. Dizem que é bom parar, respirar, meditar e se concentrar no presente. Mas não conseguimos escapar dessa agitação asfíxiante.



Fora a esperança e a angústia, penso que o medo e a ansiedade são produzidos, cooptados e canalizados para fins políticos e econômicos. Primeiro, a gestão do medo. O medo é produzido a partir de uma ameaça externa, sendo que a principal é a morte. A produção da morte gera o medo. Um animal encurralado é um animal com medo, e um animal com medo reage sem pensar, com violência, como uma tentativa desesperada de se defender. Como diz Chico Buarque na canção **As caravanas**,

"filha do medo, a raiva é mãe da covardia". O medo gera a raiva que gera a covardia. O ódio é o principal afeto mobilizado pela necropolítica atual. Com isso, se constrói a figura de um "inimigo em comum" como forma de unir as pessoas. Então, se coloca a culpa nesse inimigo como a grande ameaça. Daí as pessoas reagem com violência.

E a gestão da ansiedade? Como ela é gerada, gerenciada e capitalizada? Primeiro, retire das pessoas qualquer expectativa de futuro. Diga a elas que o futuro depende exclusivamente delas. Que se trabalharem muito, se esforçarem muito, serão recompensadas. Exija delas todo esforço: "o que você quer, o que vai fazer, se ficar parado não vai conseguir nada, vão passar por cima de você...!" Crie uma competição entre as pessoas para que elas trabalhem cada vez mais por cada vez menos.

Somos a geração "**no future**", sem futuro. Nos roubaram a esperança e nos devolveram a ansiedade e o medo. O medo paralisa, mas pode se desencadear em violência contra o outro. A ansiedade também paralisa, mas pode desencadear uma violência interna, contra si mesmo. Estamos cansados, esgotados. Não queremos mais ouvir falar de morte e solidão. O que fazer deste presente, deste aqui e agora sem portas nem janelas?



Ficamos estatelados. A ansiedade nos consome. Os psiquiatras nos dão remédios para não surtarmos, para continuarmos a mover a engrenagem em que nos meteram. Assim, anestesiados, entre a ansiedade e a hiperatividade sem foco, consumimos nossas energias. Como sair dessa engrenagem, dessa grande máquina de moer gente? Penso que tudo isso diz respeito à nossa relação com o tempo, que gera e faz girar a vida. Passado e futuro não existem. Precisamos reelaborar o passado e reimaginar o futuro. Precisamos fazer o luto pelos que morreram para que possamos seguir. Se a morte nos assusta, precisamos fazer outro pacto com a vida. Para isso, precisamos viver intensamente o presente como o momento de criação contínua. “Viver artisticamente”, como diz Rainer Maria Rilke em suas **Cartas a um jovem poeta**. Podemos inventar novos mitos sobre as ruínas dos antigos, ou simplesmente abandoná-los e fazer do vazio a plenitude, da ausência de sentido da vida a possibilidade infinita de criação. Como uma dança, na dança da solidão. Como um poema de Ana Martins Marques:

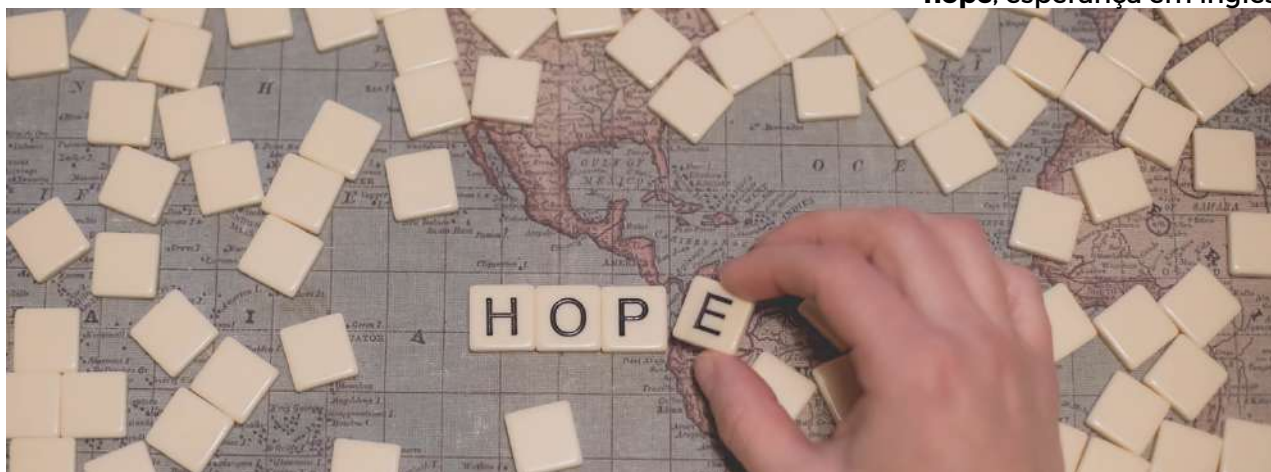
Duas pessoas dançando a mesma música
Em dias diferentes
Formam um par?

Escrevi esta carta pensando em vocês, nesses nomes sem rosto, algumas vozes que me acompanharam ao longo desse ano. Gostaria de agradecer pela sua companhia na distância, pela sua disposição em me acompanhar nessa jornada solitária, pelas suas palavras, escritas ou não ditas, por compartilhar essa estranha experiência de viver. O futuro está por ser inventado, hoje! Despeço-me com Clarice Lispector: “a invenção do hoje é meu único meio de instaurar o futuro.” (Água viva, 1998, p. 13).

Na esperança de nos reencontrarmos
quando já não seremos mais os mesmos,
Francisco.

São Paulo, 15 de março de 2021.

*hope, esperança em inglês



A VIDA ATRAVÉS DE JANELAS

por Bruna Fortunata

Bruna Fortunata, 27 anos, aluna do terceiro período de Letras no CEFET.
Contato: fortunatabruna@gmail.com



